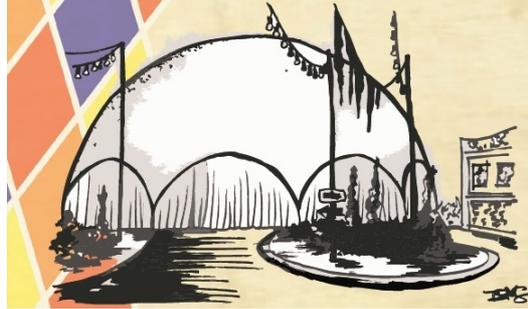


Rafael Cal

Lona dos
Sonhos
as histórias do Lona na Lua



Lona dos Sonhos

As histórias do Lona na Lua

Rafael Cal

1ª Edição

Rio de Janeiro

2016

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

Copyright © Rafael Cal — ISBN: 978-85-921161-0-1

Uma realização

Associação Cultural e Social Lona na Lua

Produção Executiva

Zeca Novais

Produção artística

Rafael Cal

Ilustração

Talitha Gomes

Capa

Kerla Susan

Formatação digital

Ricardo Hoffmann

Revisão

Marina Borges

Nelma Ribeiro

Bianca Frejes

Parceria

Mórula Editorial

InterTV Alto Litoral

Rádio Mania FM

Fotos

Flavio Azevedo

Marllon Lopes

Victor Hugo Ximenes

A Manoelito, Nára e Juliana.

- A terra é redonda como uma laranja.

Úrsula perdeu a paciência. “Se você pretende ficar louco, fique sozinho”, gritou. “Não tente incutir nas crianças as suas ideias de cigano.”

[Gabriel Garcia Márquez, Cem anos de solidão]

Prólogo

Há muita luz. Tanta que os olhos até se fecham um pouco quando se chega ali. São muitas lâmpadas, muitas mesmo. Lâmpadas pequenininhas penduradas em fios que cortam a parte de cima do lugar.

Acima dos fios, não há teto, só o céu. E, assim, se alguém parar ali e olhar para cima, debaixo daquela quantidade imensa de lampadinhas penduradas, fica com uma imagem bonita diante dos olhos: parecem estrelas. Um varal de estrelas.

Ao redor, os muros são coloridos, pintados em vermelho, laranja, amarelo, azul. Quem anda pelo lugar pisa no chão de cimento avermelhado entre um jardim florido, sempre florido. Quando a luz amarelada das lâmpadas toca isso tudo, é um pouco de sonho.

Nos cantos, à direita e à esquerda de quem passa pela porta de ferro da entrada, há cadeiras e mesas de madeira. Nelas, tem sempre alguém comendo ou bebendo alguma coisa que foi comprada na cantina ou em uma banca de doces colocada estrategicamente no meio do caminho.

Parece um quintal de vó, aquele lugar das brincadeiras infantis e das festas. Parece um quintal de vó em dia de festa da família. Parece aquele terreno compartilhado por uma mesma família e suas ramificações, confluência de casas e gentes, lugar dos encontros e dos risos.

Em pouco tempo por ali, fica evidente que não é um quintal. Mas é festa, não há dúvidas. Sobretudo quando se ouve uma voz feminina ainda abafada e o som das guitarras ao fundo. Vai ter música, como toda festa deve ter.

Os sons vêm do meio do lugar, onde está uma lona. De dentro dela saem outras vozes misturadas, que se juntam às vozes também misturadas de um público que aguarda ansioso para entrar: para alguns, é quase mágico fazer a travessia.

A lona é azul com cortinas vermelhas. Olhando de fora, parece um céu desenhado nas paredes, o que só aumenta a sensação das lâmpadas espalhadas como estrelas.

Nesse lugar, mais de uma centena de pessoas estão aglomeradas em uma fila que começa na entrada da lona colorida. De lá, ocupa o caminho no chão avermelhado, ladeado pelas flores do jardim igualmente colorido, cruza a porta de ferro aberta, chega à rua e vai até quase a esquina.

Um rapaz alto e moreno, que aparenta ter menos idade do que tem de fato, dá o sinal e a fila começa a andar. É Zeca Novais, idealizador e coordenador geral das atividades do Lona na Lua, autorizando a abertura da lona.

As pessoas vão entrando e se ajeitando nas cadeiras do Espaço Cultural Lona na Lua, uma grande bolha montada em um terreno na avenida Sete de Maio, esquina com a rua Oswaldo Cruz, no centro de Rio Bonito, no estado do Rio de Janeiro. Lá fica a sede do projeto sociocultural que oferece oficinas de teatro, música, dança e circo a crianças e adolescentes desde 2009.

Essa cena já se repetiu muitas vezes, mas hoje é uma noite especial. Haverá uma apresentação do espetáculo *Lisbela*, trabalho mais recente do grupo, formado pelos integrantes do projeto. Mais cedo, houve uma série de gravações para um programa de TV com as crianças que participam de oficinas artísticas ali e, agora, a equipe grava a entrada das pessoas e vai gravar cenas da peça também.

Lá dentro, todos querem sentar perto do palco principal ou na lateral direita, em que há uma área reservada aos músicos. São cadeiras coloridas espalhadas pelo espaço interno, que não atendem a todos que estavam na fila. Cadeiras extras são colocadas nos fundos, de modo a tentar acomodar todo mundo, mas alguns ficam assistindo da entrada mesmo.

O tom vermelho-alaranjado de fora se repete nos objetos da parte de dentro, assim como as referências ao céu: quem olha para cima, sentado à plateia, vê estrelas e móveis. Olhando para frente, o palco é simples, não muito alto, o que faz com que quem senta na primeira fila consiga ver bem o que se passa. Há lâmpadas na ribalta, como aquelas penduradas no varal de fios do lado de fora, que, quando são acesas, reforçam a aura mágica. Para o espetáculo, ao fundo, tem um cenário feito de tecido trançado, pendurado na parte de cima da lona.

Enquanto o público se ajeita nas cadeiras, conversa e tira fotos, o cinegrafista checa o aparelho no fundo do corredor e os atores se organizam, do lado de fora, para a entrada para o

prólogo pelo corredor central. Os últimos espectadores chegam, e alguns entram no espaço com bebidas e sacos de pipoca comprados na cantina da tia Fátima, mãe do Zeca e uma das responsáveis pelo funcionamento do projeto.

Em *Lisbela*, estão em cena 15 atores não profissionais. A mais nova é Lavínia, de 9 anos; o mais velho, Wilker, de 21.

Ele é um dos primeiros alunos do projeto, quando sequer existia lona ou um espaço físico permanente. Hoje, atua como oficineiro do próprio projeto e animador de festas infantis.

Lavínia, a mais nova, está com a família toda lá. A irmã, Laira, de 12 anos, está no palco contracenando com ela. O pai, Michel, é bancário em horário comercial e toca baixo na banda que acompanha as apresentações da peça. Zaira, a mãe, está desde 9h com as filhas ali, ajudando na organização do evento.

As últimas pessoas vão chegando e ocupando seus lugares, nas cadeiras coloridas, nas cadeiras extras, nos bancos ao fundo ou em pé do lado de fora. Uma criança passa correndo por mim, gritando “Mãe, vai começar!”, enquanto a mãe tentava perguntar o que ela ia beber. A luz dentro da lona cai e entra uma gravação, pedindo que os celulares sejam desligados. A banda está tensionada, naquele ponto em que está prestes a soltar os primeiros acordes. Vai começar a festa.

Mas nem sempre foi assim. Em agosto de 2010, o projeto sociocultural Lona na Lua, iniciado no ano anterior, abria seu espaço cultural pela primeira vez, na rua Doutor Matos, no bairro Mangueirinha, em Rio Bonito. No lugar, cedido por um empresário local, funcionava um ferrovelho e, agora, estava fincada uma lona azul estrelada.

O espetáculo montado para aquela estreia era *Sonho de uma noite de verão*, adaptado da obra de William Shakespeare. Estava tudo sendo preparado há tempos para aquele momento. Em cena, alunos-artistas de todos os cantos de Rio Bonito. Todos muito ansiosos: finalmente, o sonho virava realidade.

A lona havia sido comprada com dinheiro vindo da doação de comerciantes, de pedágios realizados pelos alunos-artistas, de um empréstimo do pai e do trabalho de Zeca como oficineiro de teatro. Maquiagem, figurino, cenário, tudo era comprado assim ou conseguido em forma de doação. O palco de madeira - madeira que foi comprada no cartão de crédito em dez parcelas - era frágil, mas aguentaria a estreia.

A expectativa de sucesso era tão grande que Zeca reuniu os alunos na semana da apresentação e disse que não poderiam levar os pais naquele fim de semana. “Vai ter muita gente aqui, vai explodir, não vai dar pra vocês trazerem ninguém, deixa pra outra semana”, ele disse, sentado na beirada do palco, com as crianças e os adolescentes diante dele.

Todos sorriam e se preparavam, um tanto nervosos, para o tão esperado dia. Ignoravam o fato de estarem fazendo teatro em uma cidade do interior do estado, de não haver nenhum outro teatro à época ali, de não existir o hábito de frequentar espaços culturais. Acreditavam que bastava colocar um cartaz e distribuir filipetas, e o sucesso chegaria logo.

Houve, é claro, manifestações artísticas anteriores e continuam existindo outras. Rio Bonito tem seus escritores - com Leir Moraes, recentemente falecido, como maior expoente -, músicos, palhaços, artistas de teatro. Mas a verdade é que esses projetos ou extrapolaram a cidade em busca de oportunidades ou nunca foram autossustentáveis no próprio município.

Só que a certeza era gigante, estava escrito, ia dar tudo certo, lotar, casa cheia. Não havia outra possibilidade. Construa e eles virão.

Era uma certeza, como se tivesse ouvido uma voz parecida com a que o personagem Ray Kinsella (Kevin Costner) ouve em *Campo dos sonhos*. No filme de 1989, Kinsella constrói um campo de beisebol no meio de uma plantação de milho em Iowa, após ouvir uma voz que dizia: “Se construir, ele virá”. Portanto, bastava construir e eles, o público, viriam.

E o Zeca construiu. Na noite de estreia do Espaço Cultural Lona na Lua, 6 de agosto de 2010, uma sexta-feira, apareceram 20 pessoas. Ele, sem conseguir assimilar a pancada que havia acabado de levar, colocou a culpa nos alunos.

“A lona vai acabar, trabalhei muito e a gente não consegue colocar gente aqui. Como eu vou pagar o cartão de crédito da minha mãe? Não tenho dinheiro, não tenho mais nada.” Em resumo, não tinha dinheiro, não tinha de onde tirar mais, e as contas venciam. Parecia o fim precoce de um sonho tão acalentado.

Mas ele e os alunos-artistas estavam dispostos a resistir. A solução encontrada foi colocar os participantes para vender ingresso no único sinal de trânsito de Rio Bonito. Um monte de crianças e adolescentes abordaram, até as 21h, 22h, os motoristas e as pessoas que passavam pelo lugar, uma área movimentada da cidade.

Não houve rebelião, estavam todos lá. Vendendo, ou tentando vender, dia e noite. Os pais, no entanto, ficaram insatisfeitos e magoados. Em uma reunião no espaço cultural, com a presença de participantes, alunos e pais, uma das mães se levantou e disse, apontando o dedo para o rosto de Zeca: “Você está errado!” Ele chorou. E entendeu.

No mesmo dia, reuniu os participantes do projeto no camarim improvisado e pediu perdão a todos. As lágrimas rolaram em meio a abraços, beijos e palavras de força e incentivo. Uma das alunas-atrizes, Taiane, olhou para o Zeca e disse: “Tinha certeza de que você era uma pessoa boa.” Com isso, de súbito, ele entendeu que era uma referência para aquelas pessoas e precisava se comportar como tal. Estava, assim, sacramentada uma espécie de reconciliação. Naquele dia, com o perdão, com a aceitação do fracasso da estreia, estava o início da compreensão das dificuldades, de tudo o que viria pela frente. Das limitações e das potencialidades. A sequência seria de um sucesso estrondoso, com uma adaptação de *O auto da compadecida*, baseada na obra de Ariano Suassuna.

Casa cheia, lotada, fila na porta, gente em pé, como no dia da apresentação de *Lisbela*, em fevereiro de 2016, no espaço na esquina da avenida Sete de Maio com a rua Oswaldo Cruz. Entre as duas apresentações, mais que a mudança de lugar e os espetáculos montados, está a vivência dessas pessoas, as histórias dos loneiros, muitas dores e muitas alegrias.

A matemática básica ensina que a menor distância entre dois pontos é uma reta. A história do Lona na Lua não é feita de retas. São caminhos variados, tortuosos, dolorosos, alegres; que encheram e enchem de orgulho, felicidade e exultação, mas também carregam frustrações e uma ponta de tristeza.

Portanto, o escrito aqui é apenas uma tentativa de dar voz a essas histórias. Quem são essas pessoas, esses seres sonhadores, artistas, bobos, lunáticos, loneiros. Essas pessoas, essas gentes que fazem o Lona na Lua e a lona, como espaço físico, existirem.

Afinal, não existem palavras para dar conta da excitação de uma criança correndo com o saco de pipocas na mão porque a peça vai começar. Ou daquela outra, no palco, recebendo aplausos. Ou daquele jovem adulto na plateia, emocionado com o que construiu. É só um conjunto de palavras que insistem em tentar explicar o que foi feito para sentir.



Antes do início

1

Um Quixote nos palcos

Dom Quixote é um daqueles livros que todo mundo conhece. Talvez nem todos tenham lido, é verdade. Afinal, com 126 capítulos, dois volumes e escrito no século XVII, é um conjunto de motivos para deixar potenciais leitores com medo de começar a empreitada.

Apesar disso, Dom Quixote é, sem dúvidas, um personagem muito forte no imaginário popular. O protagonista da obra de Miguel de Cervantes é um fidalgo castelhano que lê romances de cavalaria e, de tanto lê-los, perde a razão e passa a acreditar que são histórias reais. A partir disso, sai em aventuras pelo território espanhol, montado em seu cavalo Rocinante e ao lado de seu companheiro Sancho Pança.

Isso é, por óbvio, uma simplificação de toda a história de Cervantes. E pode ser um grande clichê comparar o nascimento de um movimento sociocultural em uma cidade do interior com a jornada do cavaleiro andante da Idade Moderna. Mas, ainda que seja um clichê, é um clichê bastante honesto e verdadeiro. Mais que isso: assumido. Foi um caminho indicado pela própria pesquisa para a elaboração do livro.

São alguns pontos que ligam as coisas nesse sentido. Em primeiro lugar, as referências de fora e de dentro do Lona na Lua. O coordenador do projeto, Zeca Novais, fala de si como um ser quixotesco; os participantes do projeto falam dessa maneira; os que analisam a trajetória do grupo o fazem igualmente.

Além disso, há a montagem de *Dom Quixote de La Mancha!*, livremente inspirado na obra de Cervantes, pelo Lona na Lua em 2010. Um espetáculo adorado pelos integrantes do grupo, mas que foi um fracasso de público.

No ano seguinte, em uma viagem a Minas Gerais para um festival de teatro na cidade de Congonhas, Zeca estava caminhando pela cidade e viu um artesão vendendo miniaturas. Encontrou uma do Dom Quixote e comprou. A estátua ficou por muito tempo em seu escritório, até ser dada de presente ao apresentador Luciano Huck, na época da participação do Lona na Lua no quadro *Um por todos, todos por um*, do Caldeirão do Huck.

Atualmente, há uma nova miniatura do personagem – presente de uma fã baiana – no espaço cultural. Está ao lado das imagens de São Jorge e Nossa Senhora Aparecida e da foto de uma das loneiras, a artista Raphaela Dias, falecida em 2012.

Por isso tudo, é impossível fugir do personagem aqui ao lembrar das origens do movimento. Antes de existir um grupo de teatro, antes de existir uma lona cultural, antes de aparecer na televisão ou antes das muitas curtidas no Facebook, antes mesmo do nome Lona na Lua, existe um movimento cultural. Um movimento de um homem só, que começou a surgir em 2007, em Rio Bonito.

Esse homem é Zeca Novais. Zeca nasceu José Carlos Gomes Novais Júnior, em 8 de janeiro de 1986, em Porteirinha, Minas Gerais. A família, que era de Espinosa, cidade vizinha, mudou-se para Rio Bonito dois anos depois. O pai, seu José, popularmente conhecido como Mineiro, após deixar de trabalhar como bancário, abriu um bar no centro da cidade e continua nele até hoje. A mãe, a tia Fátima, trabalhou como auxiliar de serviços gerais em um posto de saúde municipal, até se aposentar, e hoje se dedica integralmente ao Lona na Lua.

Antes de se tornar Zeca Novais, foi Júnior e Zé Carlos. Na verdade, ainda é: a família só chama de Júnior; os amigos mais antigos, de Zé Carlos. A maioria deles vem dos tempos no Colégio Cenecista Monsenhor Antonio de Souza Gens, instituição ligada à Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (CNEC), um projeto educacional sem fins lucrativos criado pelo educador Felipe Tiago Gomes, nos anos 1940. Zeca estudou lá por praticamente toda a sua vida escolar.

No Colégio Cenecista, é lembrado pelos professores como um menino criativo e irreverente. A professora Angela Guimarães, que lecionou inglês durante o Ensino Médio para ele, fala que “foi irreverente desde sempre”. Tanto que, às vezes, atrapalhava a aula, mas nunca foi mal-educado ou agressivo com ela.

“Ele não faltava à aula de inglês nunca. Lembro que, em um ano, ele descobriu a data do meu

aniversário e organizou uma festa surpresa junto com a turma. A chance de matar aula pra fazer uma festa era ótima e eles conseguiram. Depois do 'Parabéns a você!', o Zeca veio até mim e entregou um presente: era um chaveiro usado."

Ela ri alto da lembrança e mostra o chaveiro que encontrou entre os guardados. Assim como ela, outros professores relatam essa mistura de brincadeira, deboche e afeto.

Mas nem todos concordam inteiramente. Outras descrições recorrentes são de que ele era agitado, bagunceiro e perturbava o ambiente. Alguns professores tinham pavor dele. Era implicante e insistente.

Segundo o próprio Zeca, ele chegava a desencavar fotos antigas dos professores - visual anos 1980 ou começo dos anos 1990 - para mostrá-las em um tempo em que não existia a facilidade de ver os álbuns nas redes sociais. Além disso, fazia poemas para os professores nos aniversários deles. Tudo em nome da galhofa.

O teatro, de alguma maneira, deu vazão a essa energia acumulada. O aluno bagunceiro se tornaria o artista disciplinado. Como ele mesmo gosta de ser chamado, um "operário da arte". E, para isso, a escola foi fundamental.

Isso porque, ao longo da adolescência, o teatro foi ganhando espaço na vida de Zeca. Em 1998, aos 12 anos, começou a frequentar as aulas com o professor e diretor teatral Raimundo Miranda. Os encontros eram semanais, no auditório do Colégio Cenecista. Todos imaginavam que ele chegaria para acabar com a paz das aulas - inclusive ele. Não foi o que aconteceu.

Para surpresa de muitos, começou a se dedicar com disciplina. Frequentava as aulas, estudava os textos. Estreou em uma adaptação de *Os saltimbancos*, como o Cachorro, e se apaixonou.

O grupo formado nas aulas de teatro do colégio foi se consolidando. Era pouco tempo de prática, um dia de aula que servia como ensaio, mas acontecia. A continuidade do projeto foi fundamental para que aquele menino que se interessava por teatro se ligasse cada vez mais à arte. Mais que isso: no cotidiano de um adolescente de uma cidade do interior, as aulas-ensaios de teatro conseguiam incluir o assunto entre o futebol, as festinhas, as meninas.

Zeca era, assim, o menino que fazia teatro. O que de alguma maneira acabava por inserir também o tema entre seus amigos. Muitos até hoje só foram ao teatro poucas, ou mesmo uma única vez. E foram para vê-lo.

Ainda no início da ligação com o teatro, Zeca participou de uma montagem amadora de *Pluft, o fantasma*, de Maria Clara Machado. As apresentações gratuitas, realizadas no auditório do Colégio Cenecista Monsenhor Antonio de Souza Gens, atraíam a comunidade escolar e gente de toda a cidade. Os adolescentes iam se entusiasmando cada vez mais.

Tanto entusiasmo levou o grupo a participar de uma mostra com os trabalhos dos colégios cenecistas no teatro do Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha, na Ilha do Governador. O Lemos Cunha desempenhava um papel interessante no imaginário dos alunos do Cenecista: era o maior colégio da rede, tinha mais de uma quadra esportiva, era a sede dos eventos que envolviam a comunidade Cenecista no estado e tinha uma biblioteca enorme e um teatro.

A sala com mais de 500 lugares não intimidou os adolescentes habituados a apresentações no auditório em Rio Bonito, cinco vezes menor que o lugar. Em cena, Zeca chamou a atenção de todos como Pluft, personagem que dá nome à peça, um fantasma que tem medo de gente. O pequeno ator, porém, não tinha: gostou do aplauso, dos risos, da alegria que provocou. Naquele momento, aplaudido junto aos colegas de elenco ao final da apresentação, sentia seu talento reconhecido, sentia-se premiado.

A participação ativa no grupo de teatro do Colégio Cenecista garantiu a ele um grande desconto na mensalidade, o que possibilitou que estudasse lá. Era uma prática comum com os alunos atletas e que se estendeu aos artistas. No começo de 2001, porém, a família passou por problemas financeiros e não foi possível continuar no colégio, mesmo com o desconto.

Foi o momento em que mudou para o Colégio Estadual Barão do Rio Branco, lugar em que estudou por um ano, cursando o 1º ano do Ensino Médio. "Quando Zé Carlos estava no Barão [do Rio Branco], os professores detestavam ele", lembra Gerson Rodrigues, atualmente professor do Departamento de Letras e Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que o conheceu em 2001 e, no ano seguinte, foi professor de redação dele.

De fato, Zeca não foi uma unanimidade entre os professores no novo colégio. Enturmou-se

rápido com os novos colegas e fez alguns amigos com quem convive até hoje, como os irmãos Alan e Veridiana Mendes. A filha dela, inclusive, é aluna do Lona na Lua atualmente.

Ao mesmo tempo em que se enturmava, o comportamento em sala e fora dela não era dos mais disciplinados, com atitudes que às vezes eram questionáveis, no limite entre a brincadeira e a inconveniência. Fora da escola, entrava e penetrava em festas pela cidade todo final de semana.

Em um dos episódios mais emblemáticos da fase em que estudou por lá, uma professora disse a Zeca que ele era “atormentado” e tinha “problema de cabeça” porque “não tinha amor suficiente em casa”. Para evitar maiores polêmicas e preservar todos os envolvidos, omitirei aqui o nome da professora.

Diante daqueles comentários, ele acreditava que precisava dar uma resposta. Não tardou e veio com direito a criação teatral, interpretação e uma dose extra de deboche.

Ele teve uma semana para planejar a ação. Na aula da semana seguinte, com a mesma professora, Zeca levou todo o material e sentou na primeira carteira. Deve ter sido a primeira vez que isso aconteceu em todo o ano.

Sobre a mesa, junto com o material, colocou um ursinho de pelúcia com o nome da professora colado. Ao longo da aula, enquanto ela falava, Zeca ia cortando pedaços do urso e murmurando coisas desconexas. A professora, apavorada, evitou novas abordagens no mesmo tom pejorativo de antes.

Na verdade, ela não ficou apenas apavorada; a situação foi um pouco além, com a escola convocando a mãe para uma reunião em que chegou a sugerir uma consulta com um psiquiatra. “Eles diziam pra ela: ‘Minha senhora, sabemos como é difícil admitir quando um ente querido tem problemas, mas nós estamos oferecendo ajuda’. E a minha mãe dizendo que eles tavam sendo zoados por mim.”

A mãe, tia Fátima, acha que ele “surtou”: lugar diferente, rotina diferente, amigos diferentes, uma realidade completamente diferente. Zeca, no entanto, discorda. Para ele, era diversão. “Eu queria ser engraçado, que as pessoas rissem. Era gente que vinha de longe às vezes, e eu acho que era um pouco de alegria pra elas”. Mas nem todos concordavam com essa visão, digamos, romântica.

No ano seguinte, voltou a estudar no Colégio Cenecista. Para o professor Gerson, a partir de 2002, ele encontrou um ambiente perfeito para desenvolver a criatividade. “Aquela geração dele era especial, estavam todos mobilizados de alguma maneira: tinha a galera que fazia o jornalzinho, tinha a galera da música, o pessoal do teatro”, acredita. Agora, havia o talento associado aos estímulos em volta.

Atual secretário de Cultura de Madre Deus, na Bahia, o diretor teatral e professor licenciado da UFBA, Djalma Thürler, é um dos que guarda lembranças de Zeca dos tempos de escola. Ele foi nosso professor de Literatura Brasileira no Colégio Cenecista, também no início dos anos 2000.

“O Zeca era um doidivanas lindo, que vivia seu instante de potência criativa. Ele cresceu com essa imensa capacidade de transformar as pessoas e o mundo, transmutar o mal, a doença e o inimigo em aliados, apenas com o poder da alegria, do afeto, sem derrubar uma gota de sangue, mas um rio de lágrimas”, escreveu em um e-mail muito emocionado, enviado a meu pedido durante a pesquisa para este trabalho.

Tal capacidade tem a ver com a força agregadora de Zeca. Na volta ao grupo de teatro do Colégio Cenecista, exercitou-a: propôs a montagem de um espetáculo baseado no cotidiano dos atores-alunos.

Começava a nascer *Aborrescentes por adolescentes*, texto escrito por ele e pelo professor-diretor Raimundo Miranda, com a colaboração dos atores-alunos. No elenco, além do próprio Zeca, estavam Edilaine Silva, Juliana Balbi, Juliana Leite, Juliana Vielman, Leonardo Rosa, Renata Egger e Teresa Marins.

As apresentações da peça aconteceram até 2004, com algumas variações no elenco. Em 2003, o espetáculo participou da mostra competitiva do 26º Prêmio Paschoalino, realizado pela Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro. Zeca acabou recebendo uma indicação ao prêmio de melhor ator pela atuação - ao lado dele, dois atores que Zeca admira pela versatilidade: Julio César Ferreira e Robson Sanchez. Não venceu, mas aquilo já era uma vitória particular.

O que estava acontecendo é que os outros começavam a enxergar o que ele já sabia. Começavam a perceber que ele era um artista e seria um artista. Certa vez, com medo de ser reprovado em Química, a grande pedra no caminho até seu último dia na escola, Zeca procurou a professora da época, Leandra Martins, e pediu: “Por favor, eu só preciso de 6,0; não vou usar isso nunca mais na minha vida, só quero ser artista.” Em casa, o assunto já tinha vindo à tona com tom de seriedade. O “só quero ser um artista” preocupava um pouco. Era clara a apreensão com o futuro, mas isso não impedia que o apoiassem. O seu José e a tia Fátima sempre estiveram envolvidos nas atividades teatrais do filho desde cedo. E não apenas como espectadores: quando o filho participou de um espetáculo em que havia uma cadeira de rodas, estava lá o pai em um asilo da cidade, procurando uma que não estivesse sendo usada para emprestar à produção.

Em uma noite, sentado na sala, vendo televisão com a mãe, Zeca olhou para ela e disse que queria ser artista, estar no teatro, ser ator. Hoje, a mãe se lembra da história com os olhos marejados: “Ele virou pra mim e disse que não sabia o que ia ser da vida dele se não fosse artista.” A reação dela é a grande prova da força que sustentou a família em momentos difíceis e que move o Lona na Lua nos bons e maus dias. Falou das dificuldades, mas tentou não matar os sonhos. Ao contrário, incentivou o filho a seguir em frente com ainda mais afinco.

Ela viu a minha cara de espanto quando contou isso. E respondeu com a doçura que está em todas as palavras dessa senhora baixinha de olhos pequenos: “Eu ia dizer o que pra ele, meu filho?” Não precisou dizer. Deu a mão.

2

Rio Bonito, terra da bananada e do Lona na Lua

Rio Bonito, lugar de origem do Lona na Lua, é aquela cidade que quase ninguém conhece e nem sabe muito bem onde fica. Região dos Lagos, Baixada Litorânea, mas, espera, tem uma serra ali, não é Região Serrana? A maneira mais comum é se referir à região em que se encontra o município como “interior”.

Ao falar dela, normalmente em resposta à pergunta “De onde você é?”, a reação comum é ouvir outra pergunta: “De Bonito?”.

Aí vai um tempo explicando que não, não é de Bonito, que é de Rio Bonito. A partir disso, as pessoas se lembram dos grandes congestionamentos que viveram por ali indo para a região dos Lagos e os mais velhos se lembram até de ter comprado bananada na beira da estrada. Depois, uma surpresa em meio ao diálogo é quando descobrem que fica a 85km do Rio de Janeiro: “Ué, mas é perto assim?” Tão perto que, em 2013, a cidade foi incorporada à Região Metropolitana. Ainda que muita coisa possa ser discutida a esse respeito, o fato é que em dezembro de 2013 a Alerj aprovou e o governador do Estado sancionou a decisão.

Entretanto, independentemente do que se resolve em plenários e gabinetes, Rio Bonito continua sendo uma cidade de interior. E daquelas clássicas, bem clichê. Praça, igreja, comércio concentrado em uma rua principal, gente se cumprimentando pela rua.

Portanto, pensar no Lona na Lua - e no movimento que ele representa - exige pensar em Rio Bonito. Afinal, o Lona é filho de seu tempo e de seu lugar. E o Zeca, aliás, faz bastante questão de deixar isso claro ao afirmar pertencer a “um movimento de resistência e ação cultural do interior”.

É no interior, mas não está isolada. Nem distante. A ligação com a capital se dá pela BR-101, que corta o município. Quem sai do centro do Rio de Janeiro de carro, chega a Rio Bonito em pouco mais de uma hora de viagem.

A rodovia, apesar de cortar o município, não passa pela região central de Rio Bonito. Com isso, fica conservada ainda certa tranquilidade.

Saindo da estrada em direção ao centro, o caminho mais comum é pela rua Doutor Matos. Nela, há um grande número de lojas que vendem carros. Uma das coisas que quem chega deve se perguntar é por que há tantas lojas do tipo em uma cidade de pouco mais de 50.000 habitantes (os dados estimados para 2015 pelo IBGE apontam 57.615 habitantes).

Seguindo pela mesma rua, além das concessionárias, há lojas de acessórios para carros, autopeças e seguros. Mas também há lanchonetes, restaurantes, lojas de móveis e uma madeireira. E, como não poderia deixar de ser, também tem uma grande loja que serve de templo religioso.

Depois de passar por um terreno desocupado e com um barranco enorme, há uma bifurcação. À esquerda, a Doutor Matos continua, mas sem as lojas de carros e acessórios. O comércio varia e lá também está o cemitério municipal.

Do lado direito, começa a avenida Sete de Maio, cujo nome faz referência à data de fundação da cidade (7/5/1846). A avenida é o atual endereço do Espaço Cultural Lona na Lua, sede da Associação Cultural de mesmo nome.

Por esse caminho, antes de chegar ao Lona, o visitante passa por muitas residências e por mais igrejas, consultórios e cursos. O Colégio Cenecista Monsenhor Antonio de Souza Gens fica na mesma avenida, assim como alguns bares e restaurantes.

Não é um lugar muito diferente do resto do centro da cidade. Típica cidade do interior, tem uma praçinha, a praça Fonseca Portela, com um coreto, um chafariz - presente do Imperador Dom Pedro II à cidade no século XIX - e um pau-brasil plantado. A praça está em uma inclinação e, subindo a pequena colina, chega-se à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Rio Bonito.

Ao lado, estão a Prefeitura Municipal de Rio Bonito e a Câmara de Vereadores, no mesmo prédio. Por ali também estão o cartório e a agência dos Correios.

No fim do dia, é comum ver alguns jovens na área, junto ao ponto de ônibus. A maioria esperando a condução para voltar para casa depois de passar a tarde na escola ou sair do trabalho.

Em frente à praça, está a rua Presidente Castelo Branco. O curioso é que ninguém a chama pelo nome: é conhecida na cidade como *Rua dos Bancos*, já que concentra praticamente todas as agências existentes na cidade.

No largo da praça, encontro da Rua dos Bancos com as ruas Getúlio Vargas e Quinze de Novembro, estacionam trailers e carrocinhas de lanches logo no começo da noite. Cachorro-quente, batata frita, churrasquinho, hambúrguer, tem um pouco de cada coisa. Na mesmo trecho, há ainda a Sorveteria Carioca e, durante o dia, funciona a lanchonete mais tradicional da cidade, que ainda resiste, a Bumbum Lanches - imaginou o desenho da fachada da loja?

É no grande corredor formado pelas ruas Doutor Matos, Getúlio Vargas e Quinze de Novembro que está concentrado o comércio riobonitense. Ali também se encontram os escritórios e os consultórios, que se espalham pelos prédios não muito altos.

Na Rua dos Bancos, ficava também a Biblioteca Municipal Celso Peçanha, fechada para dar lugar a uma agência da Receita Federal. Na biblioteca, espaço público, muitos leitores da cidade se formaram. O acervo de mais de 20.000 livros, há alguns anos, está "temporariamente" instalado em uma sala de um edifício no centro, em cima de um supermercado, com precariedade. No site da própria prefeitura (www.riobonito.rj.gov.br), na página da secretaria de Cultura, há uma foto do atual estado da biblioteca, na qual se pode ver a ferrugem nas estantes e as coisas amontoadas.

Outro aparelho cultural da cidade que está no mesmo prédio é a Casa de Cultura Hélio Nogueira. Um desafio interessante é parar um rio-bonitense na rua e perguntá-lo sobre a casa de cultura. Talvez este livro sirva inclusive para lembrar que o espaço existe.

Além desses espaços, o site da prefeitura informa a existência da Pinacoteca Municipal Antônio Benevides Filho, na Rua dos Bancos; do Espaço de Artes da Secretaria Municipal de Cultura, no prédio do antigo Fórum; e do Centro Cultural Bernardino da Costa Lopes, no distrito de Boa Esperança. Em uma rápida observação, é possível perceber a subutilização de todos eles e até o descaso com o espaço físico em alguns lugares.

Além deles, ainda existem a Sociedade Musical e Dramática Riobonitense e o Teatro da Câmara de Dirigentes Lojistas de Rio Bonito. A primeira, uma instituição fundada em 1904, é uma das mais antigas em funcionamento no Brasil. No entanto, as poucas atividades desenvolvidas no local nos últimos anos levaram-na ao esquecimento progressivo: o rio-bonitense deixou de frequentar o espaço, que já foi o símbolo da cultura na cidade. O Teatro da CDL, inaugurado em 2014, tem sido utilizado desde então, sobretudo, para a exibição de peças de fora da cidade e apresentações musicais.

Apontar esses aspectos em Rio Bonito, exaltando os artistas do passado e destacando a ausência de uma política pública voltada para a Cultura, não deve ser confundido com críticas a uma administração municipal específica. Nos últimos 43 anos, o município teve cinco prefeitos apenas. De 1993 até hoje, apenas dois prefeitos se revezaram no governo.

Nos anos 1970 e 1980, a disputa política era travada entre Aires Abdalla e Alcebíades Moraes Filho, o Bidinho. Dentro das limitações que tinham que enfrentar em um município pequeno e pobre, ambos foram responsáveis por iniciativas ligadas à cultura e à educação. Entre outras coisas, ficaram famosos os festivais de poesia da época.

Dos anos 1990 em diante, no entanto, ficou evidente a falta de ações públicas significativas para a Cultura nos governos de José Luiz Alves Antunes (1993-1996 e 2005- 2012) e de Solange Pereira de Almeida (1997- 2004 e 2013-2016). Em geral, prezou-se pela cultura do evento, com a contratação de bandas de destaque no cenário nacional para participar do grande evento do calendário anual da cidade, o 7 de Maio, aniversário de emancipação político-administrativa de Rio Bonito.

A despeito do abandono atual, o município teve ao longo de sua história grandes nomes ligados à Cultura, entendendo o termo aqui como uma referência à produção artística. Leir Moraes, B. Lopes, Júlia Cortines, Angelo Longo, Hélio Nogueira, Manuel Duarte, George Savala (o palhaço Carequinha), Mauro Prevot e Carminha Cordeiro são alguns dos exemplos de um passado

distante de uma vida cultural intensa em Rio Bonito.

Em uma cidade que crescia e se mostrava ansiosa por atividades culturais, a produção dependia cada vez mais de iniciativas particulares de grupos de jovens insatisfeitos com a situação, que foram impelidos a criar sua própria diversão e sua própria arte. É o caso de movimentos como o “Rock na calçada” e do Grupo de Serenata Lua Branca, por exemplo.

Nos anos 2000, os grupos de teatro ganharam força, com a participação de militantes das artes da década anterior, como Juka Goulart, do SoMuDRiba, e Raimundo Miranda, professor de teatro no Colégio Cenecista Monsenhor Antonio de Souza Gens. Foi nesse ambiente que Zeca Novais começou a ser artista. Nada garantia vida fácil, as perspectivas não eram as melhores, não havia exatamente um caminho. Mas isso não seria um impedimento.

3

Interferência

No final de 2003, Zeca Novais concluía o Ensino Médio. Ao mesmo tempo, chegaria também ao fim a ligação com o grupo de teatro do Colégio Cenecista.

É nesse momento que a minha parceria com ele nasce. Portanto, é aqui também que esta obra fica mais pessoal, pois acabo sendo parte dessa fração da história.

Conheci o Zeca no colégio e lá se vão quase 25 anos. Dessa época, algumas coisas são bastante firmes na minha memória. O hábito diário de mexer nas persianas de modo que causasse reflexo do sol que entrava pela janela, impossibilitando a cópia da matéria no quadro; as conversas no meio da aula; a total falta de habilidade dele para o futebol – ainda que se esforçasse muito e se metesse sempre nas peladas.

Entretanto, há uma cena que me chocou muito na época e que até hoje me deixa tenso quando vejo crianças correndo por corredores. Uma cena que foi protagonizada por ele.

Era uma manhã comum de aulas no Colégio Cenecista Monsenhor Gens. Tínhamos entre 9 e 10 anos e estávamos na 3ª série, o que seria o 4º ano do Ensino Fundamental de hoje em dia.

Uma pequena observação antes de seguir com a história: a escola tinha duas quadras, mas não podíamos usar nenhuma delas no recreio, sob o argumento de que voltaríamos suados para a sala. No entanto, é curioso pensar que alguém deve ter imaginado que isso funcionaria perfeitamente e todas as crianças ficariam sentadas comendo seus lanches, brincando de adoleta ou discutindo a educação e a obra de Deleuze.

Mas acontece que crianças costumam ter muita energia. Principalmente, depois de assistir a três aulas seguidas. E precisam gastar essa energia. E, quando não há muito para se fazer para gastar essa energia, correm.

Era assim: no recreio, diante da impossibilidade de usar a quadra, as crianças corriam desesperadas pelo pátio por quase todos aqueles curtos 20 minutos. Corriam para chegar à fila na cantina, corriam para chegar primeiro ao bebedouro, corriam para comer rápido e sobrar tempo para as brincadeiras. Corriam como se houvesse uma competição permanente a ser vencida em algum lugar – talvez houvesse, quem pode garantir que não?

O Zeca, ainda Zé Carlos, era uma dessas crianças que corria. Pequeno, muito magro, as pernas muito finas, os joelhos grandes, corria desesperadamente pelo pátio da escola.

Naquele dia, a brincadeira era *polícia e ladrão*. Bom, imagino que gerações e mais gerações tenham brincado disso e saibam do que estou falando, mas não custa explicar. Em poucas palavras, um grupo é a *polícia* e tem que caçar o outro, o dos *ladrões*. No fundo, é uma grande desculpa para crianças correrem de um lado para o outro.

A correria já estava rolando desde o momento em que o sinal havia tocado, anunciando o início do recreio. Mas, com o passar dos minutos e a proximidade do novo toque que anunciaria o fim da brincadeira e o retorno à sala de aula, as coisas se intensificavam. Mais gritos, mais velocidade, mais tudo.

E, em tal momento, no auge da brincadeira, estava o pequeno Zeca em fuga pelo corredor principal do pátio, na área entre a quadra e as salas de aula. Tudo indicava que terminaria aquela manhã sem ter sido pegado por ninguém.

Desviando de tudo no caminho, foi dobrar a direita em uma esquina do corredor. A preocupação estava logo atrás e ele não viu o que vinha à frente depois de pegar o caminho à direita. Um menino que estudava com a gente, Ivan, correndo na direção contrária.

O barulho foi um negócio tão alto que, por alguns segundos, parece que todo mundo que estava por ali parou o que estava fazendo. Como se ficasse no meio do gesto interrompido, diante do som inesperado. O som do choque, que mais parecia o de uma parede sendo golpeada por uma marreta, seguido pela aterrissagem desajeitada dos dois corpos no chão e os gritos das crianças em volta.

A gritaria trouxe os funcionários da escola para perto. Os “O que houve?” e “Mas por que estavam correndo?” foram engolidos na metade, assim que o Zeca ergueu o rosto: era sangue. Muito sangue.

A correria, então, passou a ser dos adultos. Levar os dois para o hospital, acalmar as crianças em volta, tentar restabelecer a ordem.

Os dois foram levados ao Hospital Regional Darcy Vargas, o único da cidade, bem perto da escola, onde fizeram exames. Ivan, o menino que vinha na outra direção, ganhou um galo gigante na cabeça; Zeca, uma senhora remendada na testa: cinco pontos.

Para mim, essa pancada na cabeça poderia servir inclusive como justificativa para a entrada no teatro e para toda e qualquer loucura cometida em nome da arte depois disso. Quando o Zeca me dizia “Eu sou maluco” ou “Eu não sou normal, cara”, no meio das nossas conversas para o livro - e ele disse isso muitas vezes -, sempre me lembrava desse dia e dessa pancada.

Até na conversa com a tia Fátima a história voltou. Perguntei se ela achava o filho “maluco”, citando as palavras dele. “Ele vivia batendo a cabeça por aí. Ia brincar, batia a cabeça, cortava a cabeça, um dia até desmaiou. Deve ter sido isso, ficou meio maluco mesmo.” E deu uma gargalhada gostosa no final. Quem sou eu para discutir, né?

Pois essa tal maluquice apareceu quando estávamos com 18 anos. Eu tinha começado a operar o som da peça *Aborrescentes por adolescentes*, no final de 2003, quando o grupo viajou para dois festivais e precisava de alguém que conhecesse o espetáculo e tivesse o mínimo de intimidade com o equipamento - na verdade, bastava apertar o play do tocador de CDs na hora certa, seguindo o texto.

Eu já tinha visto a peça algumas vezes e comecei a acompanhá-los. Gostava de teatro, alguns deles eram meus amigos de muito tempo, e ainda poderia viajar e comer de graça. Fui sem nem pensar muito.

Com a conclusão do colégio, comecei a faculdade e trabalhava na Folha da Terra, jornal de Rio Bonito. Mas o teatro havia ficado em suspensão. Eu escrevia algumas coisas sem mostrar para ninguém, achava que poderia escrever uma peça um dia.

Enquanto isso, Zeca queria montar um novo espetáculo. Faltava um texto. Cogitou-se *Aurora da minha vida*, de Naum Alves de Souza. Mas os ensaios foram se arrastando e as pessoas seguindo suas vidas em outras direções, bem longe do teatro.

Além disso, ele não gostava do texto. Queria fazer outra coisa, com uma pegada mais parecida com a da peça anterior. E foi assim que começou a me instigar a escrever uma peça, mesmo eu não tendo nenhuma experiência.

“Você podia escrever alguma coisa pra gente.”

“Mas eu nunca escrevi uma peça, cara.”

“Mas você escreve, pode tentar! Vai ficar bom!”

Vejo esse momento hoje como uma espécie de revelação de uma característica muito forte nele. O Zeca tem essas certezas, esse “vai dar certo”.

E como era algo que me interessava, sem muita resistência, comecei a rascunhar o que se tornaria, pouco mais de um mês depois, o texto de *A história de um casal chamado Eduardo & Mônica*, obra livremente inspirada na música *Eduardo e Mônica*, da Legião Urbana. Era um texto simples e ingênuo, como todo primeiro texto acaba sendo. Uma comédia romântica, cuja única proximidade com a música era ter personagens com o mesmo nome, o que encheu os olhos de Zeca.

“Vamos montar!”

Ele levou o texto até o ex-professor Raimundo Miranda e o convidou para dirigir. Logo, chegaram os atores Leonardo Rosa, oriundo do grupo do antigo colégio, e Janaína Emerick.

Nascia, assim, um primeiro projeto fora da escola: estava crescendo e virando produtor. E de sucesso, já que o espetáculo chegou a ser apresentado para um público de 120 pessoas, o que era um número excepcional para a época.

No ano seguinte, um voo mais alto. Decidimos fundar juntos a Interferência Companhia

Teatral, um nome grande para um projeto de duas pessoas que convidaram uma terceira: Renata Egger.

Renata havia começado a cursar a faculdade de Serviço Social, na Universidade Federal Fluminense. Não estava muito satisfeita, queria continuar com o teatro. O fim dos tempos no colégio havia sido um baque, porque implicava parar com o teatro. “Eu sentia muita falta do teatro naquele período, até o dia em que vocês me chamaram pra uma reunião em que me convidaram pra fundar a companhia”, lembra.

Ela, que havia participado de todos os espetáculos com Zeca durante o tempo no Colégio Cenecista, estava pronta para somar sonhos. Tínhamos estudado juntos por quase toda a vida, nos conhecíamos e convivíamos bem, éramos amigos.

Não tínhamos nenhum dinheiro, mas tínhamos disposição de sobra e vontade de fazer as coisas acontecerem na cidade. E carregávamos certezas também: era só fazer, a gente podia fazer coisas boas, de qualidade, e as pessoas viriam naturalmente.

Havia, então, um novo texto: *Lucy in the sky with diamonds*. Era uma cena curta que mostrava um homem tentando abandonar a esposa, enquanto ela citava os versos da canção famosa da dupla Jane & Herondy: “Não se vá, não me abandone, por favor, pois sem você vou ficar louca!” Junto com o texto, um desafio: dirigiríamos a cena, assumindo uma função inteiramente nova para os dois.

Renata assumiu o papel feminino e, para contracenar com ela, convidamos o ator Antonio João Caneca. A união funcionou. A montagem rendeu prêmios em festivais de esquetes e circulou por bastante tempo. Mais do que isso, deu origem ao primeiro espetáculo da Interferência, *As pessoas felizes não têm histórias pra contar*, com texto meu e direção compartilhada entre mim e o Zeca, mais uma vez. No elenco, Renata Egger, Antonio João Caneca, Érica Brum, Teresa Marins, Ana Carolina Cravo e o próprio Zeca.

Éramos jovens e tínhamos falhas como diretores, claro. Mas as coisas seguiam um caminho. Zeca voltava a atuar e a peça, como as outras, teve um público bastante satisfatório nas apresentações na Sociedade Musical e Dramática. E foi além, com uma microtemporada no Espaço Constituição, na rua da Constituição, no centro do Rio de Janeiro.

No ano seguinte, foi a vez da montagem de um novo espetáculo, *Esperando*. Dessa vez, acumulei sozinho o papel de autor e diretor. Zeca pôde se concentrar na produção e no palco, que dividia com Renata. Dessa vez, a recepção em Rio Bonito não foi tão boa, com pouco público nas apresentações, o que começou a se repetir em outras tentativas de montagens com textos curtos na cidade.

No entanto, a circulação em festivais trazia recompensas em forma de prêmios e boas críticas. Após a apresentação no 29º Prêmio Paschoalino, o espetáculo foi premiado em quatro categorias, com o Zeca recebendo o “Destaque de ator”. A propósito dessa apresentação, o autor e diretor Marcelo Mourão disse:

“(…) É importante afirmar que tanto Renata Egger quanto Zeca Novais servem aos personagens com muito equilíbrio no palco. Não são subordinados. São atores que se desprendem de suas vidas e emprestam a alma e a emoção a outras pessoas.

“Existe exagero no espetáculo, mas no bom gosto, no cuidado estético e na simplicidade. Simplicidade, não do espetáculo, porque esse é grandioso, mas dos atores, diretor e da técnica. São simples em suas atuações brilhantes e emocionantes em cena e humildes e generosos uns com os outros, fora de cena. Sabem o que estão fazendo e o que querem no teatro.

“(…) É importante dizer ainda que os atores possuem um brilho próprio, natural, por dentro e por fora! A tranquilidade e o sorriso sincero de Zeca Novais o fazem gigante em cena e a serenidade e a firmeza de Renata transmite, com naturalidade, a frase ‘coloquei mamãe no freezer’ como se transmitisse ‘fui passear com mamãe’.”

A situação começaria a mudar a partir de então. Havia uma grande expectativa em relação ao futuro da peça, havia uma temporada engatilhada no Rio de Janeiro, havia a esperança de sair da cidade, ir para um grande centro. Mas havia também um problema: Zeca não estava feliz.

Andava irritado. Sem paciência para os ensaios e para as apresentações. Os sentimentos começaram até mesmo a afetar a interpretação, que antes era tão precisa. Um dia, em uma das cenas, o personagem simulava uma corrida, parado, porém Zeca não conseguiu fazer, ficou parecendo que pulava corda enquanto dizia que corria.

Achei que era comigo. Que era algum problema porque era uma direção solo, que tinha falado alguma coisa de mau jeito. Ao mesmo tempo, Renata achou que era com ela. Que estava irritado com ela por alguma coisa.

Tentamos montar outras cenas curtas, um combinado de cenas de humor, para apresentar sem muita pretensão ou pressão, só juntar algum dinheiro para a companhia. A ideia era fazer algumas apresentações em Rio Bonito, enquanto a temporada de *Esperando* no Rio não chegava. Mas o humor andava mal. E, além disso, os bolsos andavam mal também.

E o peso da situação ficou evidente em um depoimento enviado a mim e Renata pelo Orkut. Ele dizia que não queria fazer teatro de grupo, que precisava de um tempo, que queria sair da companhia.

Sim, ele mandou uma mensagem por depoimento do Orkut. O que seria equivalente a terminar um casamento pelo WhatsApp nos dias de hoje.

Lembro ainda hoje do choque quando li aquilo. Simplesmente não consegui entender nada. Mas o fato é que sequer consegui responder ou xingá-lo. Só ficava pensando que ele tinha saído da companhia por uma mensagem pelo Orkut. Pensava no quanto isso soaria ridículo no futuro.

A ficha caiu no dia seguinte quando Renata me ligou. Ela, aliás, é bem mais intensa sobre o assunto.

“Senti ele destruindo o meu sonho, eu queria estar no palco com vocês, queria o meu grupo, e ele estava indo embora. Me senti abandonada”, disse. Ela usou ainda outras palavras menos bonitas no depoimento dado durante a pesquisa para este livro, mas também riu bastante contando.

Para mim, era mais do que ficar sem um companheiro de trabalho, sem meu parceiro criativo. Era um amigo se distanciando, sem que eu entendesse os motivos exatos. Sobretudo porque, durante um tempo, Zeca contribuiu bastante para isso ao desaparecer.

Hoje, é uma questão superada. Eu, por exemplo, adoro contar essa história em público para constrangê-lo. Funciona bastante. E a Renata fala com muito carinho dele e do Lona. Os dois voltaram inclusive a trabalhar juntos. Em alguns momentos do depoimento, ela chega a se emocionar e pede que eu pare a gravação: “É muito difícil falar do Zeca porque eu tenho medo de não ser o suficiente.” Na época, porém, não era assim. Passada a surpresa, veio a sensação de abandono. O cancelamento da temporada de *Esperando* antes mesmo de acontecer. A volta em algumas casas.

Em comum, Renata e eu tínhamos uma teoria: ele queria ir para a televisão. Estava inscrito em um concurso para participar da novela *Malhação*, que passava, e ainda passa, nas tardes da Globo. Fazia sentido, portanto, largar as ocupações da companhia.

4

Casal Malhação

Era o ano de 2007 e começava, no Caldeirão do Huck, programa das tardes de sábado da Rede Globo, o Concurso Casal Malhação 2008. Lá estava Zeca Novais, enfrentando um desafio nacional para se tornar estrela da novela do fim de tarde, de segunda a sexta-feira.

Na carreira de um ator no Brasil, fazer uma novela na Globo é um divisor de águas. Não que seja a vontade de todos ou um caminho obrigatório. Mas, inegavelmente, abre portas. Representa projeção nacional, ser conhecido, famoso, conseguir mais trabalho, atrair um público maior para as peças que faz.

Principalmente, representa também alguma estabilidade financeira. Um contrato, salário caindo na conta no fim do mês. Mesmo que seja pela duração de um contrato, mesmo que não seja para sempre, é confortável para quem está na área.

Zeca pensava nisso. Pensava muito. Em uma profissão tão instável, em um país que vai tão pouco ao teatro, um pouco de estabilidade cairia bem.

E todos à sua volta torciam por isso. Nos tempos da escola, em 2002, gravou uma participação como elenco de apoio em um episódio do antigo programa Linha Direta, também da Globo. Todo mundo ficou acordado para ver o Zeca, que ainda usava “José Carlos” no nome artístico.

Dessa vez, não seria diferente. Logo que o primeiro anúncio foi feito a respeito do concurso, as pessoas em Rio Bonito já queriam saber se o Zeca participaria. O Bar do Mineiro, negócio do pai dele, passou a ter sempre alguém perguntando se o garoto que ajudava o pai atendendo no balcão na hora do almoço estaria na Globo.

Os amigos mais próximos estavam no embalo também. Tínhamos aquela certeza que só a ingenuidade nos pode dar. “Ele é talentoso, vai dar certo”, pensávamos.

O concurso Casal Malhação 2008 funcionava com uma sequência de testes até a fase final no palco do Caldeirão do Huck. Foram 21 mil inscritos, meninos e meninas de todo o Brasil. O casal vencedor seria contratado para a temporada 2008 da novela.

De Rio Bonito, Zeca fez a sua inscrição pela internet. Parecia alguma coisa muito distante, mas não custava tentar. Aquela oportunidade poderia significar muito.

Naquele momento, a novela já sofria uma série de críticas a respeito da qualidade de seus atores. Até hoje, de alguma maneira, é assim, ainda que o programa tenha deixado de ser o alvo principal dos atiradores de pedra de plantão. Se, por um lado, tratavam-no como espaço cheio de “gente bonita”, mas de qualidade artística questionável, por outro, era defendido como um celeiro de jovens talentos, uma espécie de primeira oportunidade na emissora.

Só que ele não estava interessado nessa discussão. Na época, nem assistia à novela. Mas era um ator e estava diante da chance de um contrato legal, emprego garantido por algum tempo e a possibilidade de viver da sua interpretação. Bastava.

A seleção começou. Zeca saía de Rio Bonito em uma van para o Rio de Janeiro bem cedo. Lá, descia na região da Leopoldina, pegava um segundo ônibus até a Zona Sul e, então, um terceiro até o Projac, na Zona Oeste. Na mochila, biscoitos, guaraná natural e sonhos.

Um dos primeiros impactos da chegada foi menos o tamanho da central de produção da Globo e mais a quantidade de comida disponível para os candidatos. “Tinha suco de caixinha, cara”, ele brinca em uma das entrevistas para o livro, antes de gargalhar.

Balançou logo no começo, eram candidatos muito diferentes dele. Cabelo bem cortado, roupa de marca, tênis bonito. Ligou para mãe – a cobrar, claro –, e contou o que estava vendo por lá. Tia Fátima, com toda a sua sabedoria, riu. Ele seguiu.

“Eu era magro, meio cabeçudo, usava um brinquinho na orelha esquerda. Tinha que impressioná-los de algum jeito, porque eu não pertencia àquele mundo que via na sala de espera. Eu usava uma calça surrada, uma bolsa jeans horrorosa, um All Star de couro velho e uma camisa laranja”, conta.

Na primeira fase, tinha que fazer um monólogo de um minuto para câmera. Levou um texto meu, um fragmento de *Esperando*, nossa última peça juntos pela Interferência. Era a história de um personagem abandonado pelo pai que, de tanta solidão, tornou-se incapaz de viver junto a outras pessoas: abordava agressivamente qualquer um na rua, puxava sempre algum assunto inconveniente, inventava histórias, dizia ter matado a mãe e colocado no freezer.

Definitivamente, não se parecia com os outros. Não era sobre namoros ou sobre como conquistar a gatinha do posto 6.

“Sua mãe é viva? A minha, não. Morreu quando eu tinha 11 anos. Um dia ela cismou de namorar um cara. Eu não gostava dele. Imagina... Querendo roubar minha mãe de mim?! Cortei a cabeça dele com um machado. Minha mãe ficou chorando muito e acabei cortando a cabeça dela também. Mas, não se preocupe, guardei ela no freezer. Ela era pequenininha, sabe? Coube direitinho no espaço que havia ao lado do meu irmão. Penso que um dia, quem sabe, eu consiga ressuscitar os dois, né? Ou pelo menos um dos dois. Esses cientistas sempre aparecem com umas coisas novas... De repente... Mas, já está tudo bem. No fundo, a gente é família. Sangue do mesmo sangue.”

Os jurados ficaram um pouco em choque. Mas, ao que parece, um choque positivo. Uma das avaliadoras, a atriz e preparadora de atores Paloma Riani, riu bastante e se interessou pela “força, postura e talento” daquele rapaz.

Foi aprovado, decisão unânime. Mais uma fase pela frente. O vídeo, por razões óbvias, não foi ao ar no programa que passava, e passa, nas tardes de sábado. Só apareceu o momento em que ele saía do estúdio e dedicava a conquista à avó, dona Constância, que tinha falecido poucos dias antes.

Ficou claro naquele momento, além da ousadia, que ele estava fora dos padrões. Assim, o desafio era, mais do que nunca, ir longe, o máximo possível, na competição.

A saída do Projac o levava aos ônibus do caminho de volta até Rio Bonito. Em casa, a noite mal dormida, a ansiedade. No outro dia tinha mais. No fundo, sabia que não ia vencer, mas como duvidar do próprio talento naquelas circunstâncias?

Dormiu.

Acordou. Ainda no escuro - final da madrugada ou início da manhã? -, levantou da cama e se arrumou. De casa, até a van; da van para o Rio. Aproveitou e dormiu mais um pouco.

Dessa vez, haveria um ônibus para buscar os concorrentes na praia da Barra. Ele chegou cedo, uma hora antes do combinado, estava ansioso. Tão ansioso que desceu em Ipanema e não fazia a menor ideia disso.

As mãos suadas, a perna batendo. Sentado no ponto de ônibus, esperava os outros concorrentes, mas ninguém aparecia. O relógio correndo, a sensação estranha, toca o telefone. Ele já atende irritado, tentando segurar a voz.

“Cadê vocês? Tô sozinho aqui na praia, pô.”

Alguém respondeu do outro lado que havia alguma coisa errada. Estavam todos no local combinado, menos ele.

Olhou para o lado e uma senhora, entre o alongamento e o Hollywood sem filtro na boca, olhava para ele com um leve sorriso. Ele respondeu com um sorriso e emendou com uma pergunta, afastando a boca do telefone, para saber se estava no lugar certo.

“Você tá em Ipanema, meu filho”, ela disse.

O olho arregalou e os músculos do rosto foram se descontraindo, como um lamento. Correu para o outro lado da rua, tinha um ponto de táxi por perto. Contou a história e um taxista topou levá-lo do jeito mais rápido possível.

Ipanema, Leblon, São Conrado, Barra. Chegou, todos encarando o sujeito que nem sabia andar no Rio de Janeiro. Pegou a carteira, abriu e viu que o dinheiro não dava para o que o taxímetro indicava. Um dos colegas emprestou o suficiente.

Tudo resolvido. Era só entrar, finalmente, no ônibus e partir para o Projac.

Na nova etapa, os atores se juntavam às atrizes. O desafio era um casal improvisando a partir

de um tema sorteado. O tema de Zeca foi “gravidez”.

Olhou para os lados, imaginou as cenas dos outros. Tinha uma certeza: não poderia fazer igual a todo mundo. Se fizesse, seria eliminado, era comum demais, interiorano demais, camisa laranja demais.

Pensando que não convenceria como par romântico de sua parceira, a atriz Naty Garibaldi, e acreditando que todos fariam um drama com a situação, ele decidiu levar a cena para o lado da comédia, abusando do absurdo.

Quando chega a menina grávida de trigêmeos, ele diz que não é o pai, que devem ser *aliens* na barriga dela. Risada geral na mesa dos jurados.

Na hora do resultado, o apresentador Luciano Huck olhou para Zeca e confirmou o que ele já sabia. Estava confiante. E saiu de lá entre os 12 rapazes que passariam para a próxima fase.

Ligou para a mãe. A cobrar, de novo. E ela riu. De novo.

De volta a Rio Bonito, as pessoas queriam falar com ele na rua. Passavam no Bar do Mineiro para elogiá-lo para o pai. Fizeram matéria na Folha da Terra, o principal jornal da cidade.

Mas ele sabia que não era tão simples assim. Além de estar fora do que considerava o padrão – cabelo, roupa e coisa e tal –, ainda tinha a falta de experiência em televisão. A câmera não costuma tolerar os gestos grandes e a voz projetada do teatro. E ele sabia disso.

Porém, estava ali, e o objetivo era ir o mais longe possível. A ideia era, acreditando que não convenceria como galã, seguir uma linha dos personagens engraçados da novela, como já tinha sido o “Mocotó”, do André Marques, e “Cabeção”, do Sergio Hondjakoff.

Era uma aposta. Na fase seguinte, quando deveriam – a mesma dupla – reproduzir uma cena antiga da novela, não funcionou. Eles não convenceram como par romântico e acabaram eliminados.

Com um “não foi dessa vez”, acabava aquela história. “Eu fui até o ponto aonde eu poderia ir com o meu trabalho. Tinha uma frustração ali, claro. Mas foi o que deu”, diz.

Era claro para ele que seria eliminado. Na saída do estúdio, viu as pessoas chorando e alguns desesperados com a eliminação. Ele não fazia parte do grupo, já começava a pensar o que fazer com as tardes de sábado de fama que havia ganhado.

Na hora de ir embora, entretanto, não quis voltar para casa. Resolveu ir dormir na casa de amigos em Niterói, cidade vizinha ao Rio. Na travessia de barca de uma margem a outra da Baía de Guanabara, chorou. Mais uma vez, teria que dizer para a mãe que ainda não era a hora. Mais uma vez, e a espera parecia infinita, não tinha a chance que tanto esperava. Mais uma vez, e eram tantas, veria nos olhos da mãe, ou sentiria na voz dela, a resignação fundada na ideia de que pobre não tem vez.

No dia seguinte, já estava em Rio Bonito de manhã. E as pessoas continuavam perguntando sobre o programa. Não apenas a ele, mas aos pais e aos amigos mais próximos também.

No entanto, ele nunca disse que tinha sido eliminado para as pessoas que davam força. O programa com a eliminação ainda demoraria a passar e, diante dos incentivos dos desconhecidos e semiconhecidos, sempre respondia com um agradecimento e um sorriso. Para alguns, ainda completava com “Torça por mim, tô com chance.” E ria consigo mesmo.

Uma vez, fui surpreendido com isso. A gente estava andando no centro da cidade, indo comer e conversar. Um sujeito se aproximou, deu um abraço forte nele, daquele das duas mãos espalmarem nas costas, e desejou sorte na competição. Zeca respondeu que estava confiante, pediu que continuasse na torcida. Fiquei olhando para ele enquanto o homem se afastava. Ele não precisou dizer nada, apenas gargalhou.

Tudo era sempre piada. Até as tristezas, as dores, os fracassos. Principalmente, os fracassos.

Assim, os fins de semana foram passando e chegou o dia do programa. Estava consumado. Agora, publicamente. Com direito a entrevista na Folha da Terra para contar a experiência. Na ocasião, Zeca se mostrou muito equilibrado e deixou claro que era apenas uma questão de tempo até que coisas maiores viessem.

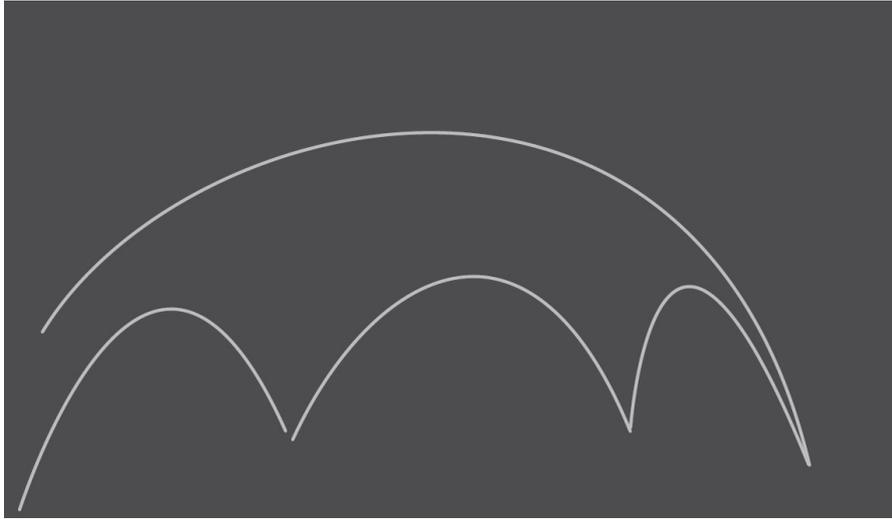
Com isso, naquele fim, também ficava consumado um novo começo. Ele já estava circulando

por algumas escolas da cidade, oferecendo oficinas gratuitas de teatro. Em 2008, as oficinas se espalhariam ainda mais.

Não se tratava, então, de ser um global, mas de ser um alienígena. Sim, porque ele tinha um plano. Aliás, o Zeca sempre tem um plano. Ou precisa ter um.

E o plano era simples: sairia dando aulas de teatro pelas escolas da cidade, reuniria as crianças e, em um futuro próximo, montaria uma lona na lua. Ninguém entendeu direito, mas era esse o plano. Um plano simples.

Quer dizer, talvez não fosse tão simples assim.



O início

Um pregador pela cidade

Zeca tinha um plano.

Estava cansado das frustrações. Continuava sonhando, mas era preciso dar corpo àquele sonho. Para isso, havia traçado um plano bastante ambicioso.

Queria criar uma coisa que não tivesse paralelos na história da cidade. Rio Bonito tinha uma história recheada de personagens relevantes na cultura, mas isso não se havia transformado em movimentos contínuos e duradouros. Ele queria mudar isso.

O plano começava com reunir muita gente. Ir juntando pessoas de diferentes áreas, teatro, dança, música, artes plásticas, cultura popular e o que mais houvesse. Não era fácil.

De certa forma, isso parece fazer parte de um longo caminho de ideias. Mais de uma vez, Zeca havia falado sobre criar um centro cultural. Em uma cidade como a nossa, parecia loucura. Era só colocar os custos na ponta do lápis para ver que era insustentável à época.

Era insustentável, uma loucura. Mas ele era, e é, louco.

“Eu sou louco. Eu não sou uma pessoa normal, cara. Eu tenho um sonho e sou escravo do meu sonho”, disse Zeca em uma das entrevistas para o livro. Na verdade, ele disse isso na primeira vez em que conversamos para o livro, sentados à mesa de um restaurante na mesma rua do Lona na Lua. A cada linha escrita, volto a pensar sobre essa frase e a força dela.

Logo após a saída da Interferência, em 2007, começou a dar aulas de teatro em escolas de Rio Bonito. Em escolas municipais e estaduais, trabalhava gratuitamente, em uma espécie de Amigo da Escola, programa de incentivo ao voluntariado nas escolas públicas da época.

Funcionava da seguinte maneira: Zeca visitava a escola, apresentava-se - não era preciso muito, as pessoas ou o conheciam de Rio Bonito mesmo ou o tinham visto no concurso na TV -, pedia autorização ao diretor ou à diretora e começava a ministrar oficinas gratuitas no contraturno.

Com a Honda Biz que tinha na época, rodava a cidade, de escola em escola, gasolina contada, sem remuneração. A semana inteira.

Para sobreviver, trabalhava como oficinheiro de teatro na Escola Criar. A diretora da instituição, Cristina Corrêa, acredita no uso do teatro como prática pedagógica, funcionando como um complemento ao desenvolvimento do aluno. Quando Zeca a procurou, aceitou rápido a oferta.

Trabalhando lá, a soma das horas-aula nas oficinas rendia em torno de metade de um salário-mínimo. Pouco, mas fundamental: era um valor fixo que, por menor que fosse, estava garantido todo mês. Pelo menos, pagava a gasolina da moto para rodar as escolas. Em parte, ele queria mostrar às pessoas que dava para fazer com pouco, que era possível espalhar arte.

Além das aulas no Criar, organizava as festas anuais do Bloco do Pinto Louco. O bloco havia sido criado em 2003, por Zeca e outros colegas de turma do Colégio Cenecista. O que era uma grande brincadeira, que acontecia todos os anos no fim de semana anterior à sexta-feira de Carnaval, foi transformado em uma festa que mobilizava a cidade, com trio elétrico e atrações musicais. Mais de duas mil pessoas acompanhavam o bloco, que tinha como puxador ele, Zeca Novais, cantando de maneira sofrível. Pura cara de pau.

Enquanto economizava ao máximo para viver com aquele dinheiro, seguia com as visitas diárias às escolas com as aulas gratuitas. Sabia que não ia ficar muito tempo em cada uma delas. Queria, porém, difundir aquelas ideias. Esperava levar alguns consigo, gente que estivesse dispostas a sair fazendo teatro por aí. “Quem sabe, de 50 alunos, carregasse dois pras próximas aulas em outros lugares?”, pensava.

O primeiro lugar foi o Colégio Estadual Barão do Rio Branco. Lugar em que havia estudado por um ano, lá no início do Ensino Médio. Aquilo representava um retorno ao passado. Um passado bastante tumultuado, com, segundo ele, “ameaças de expulsão” inclusive. Era, portanto, o retorno de um aluno bagunceiro, que incomodou professores e funcionários, como um educador. Ironia

pura.

A partir dali, visitou outros bairros. Aos poucos, ia se afastando do centro da cidade. Boqueirão, Basílio, Lavras. Tudo isso sozinho. Quer dizer, ele e sua Honda Biz - com gasolina contada, imunda e cheia de multas.

O que ele buscava era a construção de um movimento, uma coisa maior do que simplesmente fazer teatro ou dar aquelas oficinas que estava dando. Porém, talvez não fosse ainda possível explicar isso às pessoas. Não porque elas não entendessem, mas porque não houvesse as palavras exatas. Era uma abstração ainda.

Queria espalhar uma centelha pela cidade, que incendiasse corações por todos os cantos. Acreditava que as pessoas estavam esperando por aquilo, como um rastilho de pólvora no chão. E ele era o fogo, tinha certeza.

Por tudo isso, não podia pedir a ninguém que o acompanhasse naquela loucura, no espírito de espalhar uma ideologia na cidade. Era um desafio a ser cumprido solitariamente. Ao menos naqueles dias.

Em um deles, voltava de Lavras, um bairro que fica a 20 minutos do centro de Rio Bonito. Era mais um dia como outros. E, como em tantas outras vezes, tinha começado ajudando no bar do pai pela manhã e, à tarde, ido para mais uma escola vender arte em troca de energia para continuar.

Voltava de lá, quase noite, sozinho em cima da Biz. Cansado. Bastante cansado. Pensando sobre os rumos da vida, cabeça à mil. Queria chegar em casa e dormir. Dormir, não. Apagar. Desligar a cabeça completamente, não precisar mais pensar.

Mais um dia, era mais um dia de espera. Os efeitos da sua atuação como oficinheiro nas escolas não tinham sido os esperados. Alguns alunos interessados e talentosos, verdade. Mas nada que lhe mostrasse que a explosão estava perto.

Naquele caminho, entre casas espaçadas umas das outras, de muros de cimento, tijolos aparentes, de mato, muito mato, colinas e pastos, seguia com a moto, desviando dos buracos. Na cabeça, a pergunta que doía era sobre o que dizer para a mãe.

Estava acostumado ao olhar dos outros questionando os motivos de ainda esperar sucesso na carreira de ator. "Será que já não é hora de procurar *uma* profissão?" Mas nunca conseguiria se acostumar aos olhos tristes da mãe, que queria que ele fosse feliz fazendo arte, que, a cada não da vida, morria um pouco por dentro. Por ela e por ele. E ele sentia um pouco de dor ao ver a dor dela.

O dia tinha ido embora mais cedo que de costume para aquela época do ano. O tempo estava fechado, ventava muito e a estrada era escura e deserta. Quem viesse na direção contrária veria o rapaz magro balançando sobre a moto prata, as roupas coloridas e o capacete cobrindo o topo da cabeça. Sob o céu carregado, olhava para cima, pensando que só faltava uma tempestade mesmo.

Em poucos minutos, não faltaria mais. Quando acelerou a moto na tentativa de chegar em casa antes do temporal, um pingo grosso de chuva caiu no rosto, logo abaixo do olho esquerdo. Como uma lágrima caída do céu.

Os olhos viram um filme à frente. A mão foi soltando aos poucos o acelerador para que pudesse contemplar a obra. Um filme sem autor, sem roteiro e sem créditos. Cheio de personagens do porvir, cheio de cores e de luz.

Não procurou abrigo. Seguiu guiando a moto devagar, bem devagar, pela estrada estreita e cheia da água que descia dos céus e encharcava o piso duro. Parecia ir cada vez mais devagar, mas sem parar, sem sucumbir ao chão ou à chuva.

Aceitou o caminho, a estrada desnivelada e torta. Aceitou a chuva, tomou banho nela, com ela, levantou o rosto e se deixou molhar.

Aceitou o destino e voltou para casa, sob a chuva pesada e gelada. Era como se estivesse sendo lavado. Era como se o dia seguinte fosse novo. E seria.

Eu quero montar uma lona na lua

“Renata, eu quero montar uma lona na lua.”

“Zé Carlos, você tá doido?”

A Renata me conta esse diálogo em sua fala para o livro. É a primeira coisa que lembra relacionada ao Lona na Lua. Não sabe precisar quando exatamente aconteceu. Apenas lembra que chegara à casa de um amigo em comum para um churrasco, encontrara Zeca à beira da piscina e ele disparara assim, direto, antes até do “Boa tarde”.

“Achei aquilo tudo uma viagem, aquelas coisas de Zé Carlos...”, completa, rindo orgulhosa.

Esse era o ponto alto do plano. Criar um movimento cultural na cidade que culminasse com a existência de um centro cultural, mesmo que itinerante, representado pela existência de uma lona que servisse de palco para as artes em geral, circo, teatro, cinema, dança, tudo o que fosse possível.

O nome tinha sido sugerido alguns dias antes daquele encontro entre Zeca e Renata. Durante uma das madrugadas passadas com os amigos na cidade, ouviu a sugestão de Caio Rodrigues, músico da banda Mote Combinado e amigo desde os tempos de colégio. Ele tinha ouvido atentamente a descrição que Zeca fez do que seria o projeto. Olhou para o céu muito estrelado, virou para o amigo e disse: “Zé, Lona na Lua.”

Zeca não entendeu muito bem de primeira, mas pensou por uns minutos e emendou dizendo: “Se você puder colocar uma lona na lua, pode fazer arte em qualquer lugar.” E ele gostou, eles gostaram.

No entanto, o caminho para a lona era difícil. Precisava de dinheiro, de espaço e de gente. Muita gente.

Gente para empurrar o movimento ladeira acima. Tinha que formar uma equipe com múltiplos talentos que pudessem gerir e produzir gente para assistir. Era preciso também formar plateia em uma cidade com uma população sem o hábito de ir a uma sala, uma praça ou um auditório, de assistir a uma obra de arte.

Aquelas ações espalhadas pelas escolas da cidade, portanto, além de atrair pessoas para o seu lado no campo das ideias, também visavam atrair mão de obra para levantar o projeto. E o projeto precisava de muitas mãos.

Afinal, se a ideia era juntar o grupo mais heterogêneo possível, que pudesse causar um barulho e uma comoção imensos em Rio Bonito, era preciso arregaçar as mangas e ir buscar os artistas da cidade na unha. Desencavar em cada região da cidade alguém que atuasse, que tocasse, que cantasse, que dançasse, que pintasse, que lutasse capoeira, que quisesse aprender alguma coisa, que quisesse. Era preciso encontrar pessoas querendo alguma coisa.

Na mesma época, o jornalista Flávio Azevedo assumia o comando da Gazeta de Rio Bonito, um dos jornais mais tradicionais da cidade. Disposto a dar uma cara jovem e moderna ao jornal, em sua primeira experiência como editor, procurou alguns colunistas fora dos nomes tradicionais da cidade.

“Na lógica de começar um trabalho meu, ainda que com uma marca já conhecida na cidade, convidei o Zeca, que era alguém com visibilidade, sobretudo com o público mais jovem, para ser colunista da área de cultura. Um monte de gente achou que eu era maluco”, conta Flávio.

Dessa forma, essas histórias se entrelaçam. O jornalista, que se tornaria o grande cronista da história do Lona na Lua nas páginas dos seus jornais – primeiro a Gazeta, depois, O Tempo –, e o projeto de Zeca, que ganhava corpo e visibilidade aos poucos.

Ao ser convidado, Zeca apresentou um esboço do que seria o Lona na Lua. Já tinha dividido a ideia com algumas pessoas. Flávio, ao ver, ficou bastante entusiasmado. Convidou gente, fez o projeto chegar a quem poderia colaborar de alguma maneira.

“Um monte de gente deu opinião, mas o que Zeca tinha era o Lona na Lua. Ele já sabia, ele é o cara que sonhou isso, capitão dessa nau. Pessoas que deram sugestões, como eu dei, acham que são fundadores. Muita gente acha que inventou o sonho, mas não significa que tenha de fato”, comenta Flávio.

Assumindo a coluna no jornal, Zeca tinha agora uma plataforma para expor suas ideias. Dessa forma, tornava o projeto visível. Para Flávio, isso foi decisivo para as pretensões dele.

“Muitos começaram movimentos culturais aqui em Rio Bonito, mas acabaram naufragando em determinado momento, diante das dificuldades, das atribuições do dia a dia, da falta de financiamento e de coisas do tipo. Olhando pra isso tudo, acredito que só a visibilidade é capaz de dar força a esses projetos, que só assim eles seguiriam”, analisa.

Apesar de haver gente torcendo o nariz para aquele menino, alguém que não era um intelectual da cultura rio-bonitense, um ator de origem humilde, organizador de bloco de carnaval, a coluna começou a atrair atenção. E, conseqüentemente, pessoas.

Entre elas, o então vereador Fernando Soares, que era conhecido por apoiar grupos culturais da cidade. Fernando teria papel importante na estreia do projeto e se tornaria um elo com outros artistas locais, como o músico Marcelo Oliveira Cardozo, o Marcelo Kaus - atual oficinairo de música do Lona na Lua e líder da banda que acompanha os espetáculos.

Perguntei a Zeca se isso não criava uma dependência política para o projeto. Ele foi categórico na resposta.

“Não. O Lona na Lua é um movimento sociocultural voltado para a transformação social a partir da arte. A gente preenche um vazio das políticas públicas e isso tem um custo, sempre teve. Então, a gente precisa de apoio, e qualquer instituição ou pessoa com responsabilidade social pode ajudar. É claro que temos peso político, sabemos disso. Mas receber apoio não significa, de jeito nenhum, que temos rabo preso ou qualquer coisa do tipo. Não fazemos política partidária. O Lona não apoia políticos, mas somos conscientes do nosso papel político na arte e na sociedade rio-bonitense.”

Assim, com o apoio de personalidades da cidade e comerciantes locais, Zeca começava a levantar o projeto de colocar uma lona na lua. Depois de quase dois anos atuando nas escolas, comprou uma tenda branca, daquelas de praia, de 2x2m. Não era bem o que tinha na sua cabeça, mas era o possível naquele momento.

Faltava ter o que colocar embaixo dela. Ou melhor, quem colocar embaixo dela.

Prontos para lutar contra os moinhos

“O que faz com que um cara que vai de escola em escola dando aulas de teatro se transforme em líder de um movimento?”, perguntei à mesa do restaurante em que tivemos a maioria das conversas para este livro.

Porque há um grande salto nisso, e foi uma das grandes perguntas que me fiz enquanto planejava como contar essa história. Se fosse dramaturgia, diria que é um dos momentos de virada na trama. E queria entender como aconteceu.

“O que muda tudo é o olhar dos alunos. Isso muda tudo”, ele me responde. Seco, simples, direto, objetivo. Como ele nunca é.

Mas, nesse caso, ele não tinha para onde correr na resposta. Era simples, não adiantaria nem tentar fazer diferente.

O Lona na Lua, antes de ser um espaço cultural, antes de ter até mesmo uma lona, já tinha alma. E essa alma é o retrato dessas pessoas que escreveram cotidianamente, nos últimos sete anos, essa história.

O movimento é, portanto, esse conjunto de histórias feitas de poesia, mas principalmente de carne e sangue. Por mais contraditório que seja, a alma do Lona é matéria bruta, é física, é gente. É a garra, a disposição, o desprendimento. São seus sonhos e seus esforços.

Quando Zeca fala em “olhar dos alunos”, ele fala do olho no olho com eles, da sensação de força que emanavam, da sustentação que foram para ele. Da verdade ali, brincando de existir para aquelas pessoas que nunca tinham pisado em um teatro.

Na mesma semana em que voltou de Lavras sob forte chuva, Zeca conheceu finalmente Raphaela Dias. Já tinha feito uma oficina no Colégio Municipal de Ensino Médio Doutor Marcio Duílio Pinto, onde ela estudava, e ouvido falar dela. Disseram para ele, logo na primeira visita, quando procurou a diretora para pedir autorização para as oficinas, que havia ali uma atriz. Ele sorriu e fingiu entusiasmo.

Aquele era um discurso comum. “Olha, aqui tem uma menina muito talentosa”, “Você precisa conhecer o Joãozinho, ele é um artista” e coisas do tipo. A chegada aos lugares era sempre cercada de apoio, todos achavam ótimo, reclamavam do prefeito, de todos os políticos, falavam da falta de opções de lazer. Depois de um tempo, as presenças iam rareando e era como se nunca tivesse existido a empolgação original.

Vacinado, Zeca sempre agradecia o apoio inicial e se mostrava entusiasmado. Quem sabe, um dia, realmente aparecesse alguém disposto a trabalhar para se desenvolver, não um artista querendo ser uma estrela, mas um operário da arte. Alguém disposto a trabalhar duro por um sonho.

“As pessoas fazem investimento de tempo. E comigo não agiram diferente. Só que talvez, pra dar certo, precise aguentar mais. Talvez precise investir dois anos ao invés de um mês. E se tiver que investir quatro anos? E cinco, vai aguentar?” Zeca estava disposto a aguentar. E, naquele ano de 2008, sem um tostão no bolso, pressionado por ele próprio para alcançar algum tipo de sucesso, seja lá o que isso significasse à época, encontrou alguém disposto a sonhar e trabalhar junto.

Raphaela não tinha aparecido na primeira oficina que ele deu, mas, quando chegou, virou logo o xodó. Ela tinha 18 anos quando conheceu Zeca. E se tornaria, segundo ele, “a maior artista que já passou pelo Lona”.

Estudante do Curso Normal, era uma menina parecida com muitas outras da periferia de Rio Bonito. Olhos redondos, olhar desconfiado, cabelo preso, sempre preso. Usava uma calça jeans surrada e um All Star nos pés - tinha uma coleção deles. Adorava ouvir Zeca Baleiro, Maria Gadú, Teatro Mágico e Zéu Britto.

E não só gostava de ouvir música, como escrevia também. Alguns dos seus textos virariam letras de canções mais tarde. Costumava escrever músicas para as pessoas queridas.

Produtora, correria a cidade atrás de apoios para as peças do Lona na Lua. Cinquenta reais de um comerciante, um pedaço de tecido de uma loja, aluguel de filmes em uma locadora em troca de propaganda nos cartazes e dos agradecimentos após os espetáculos. Zeca ensinou, e ela assumiu cheia de convicção.

Como artista, compôs músicas para os primeiros espetáculos, e algumas delas foram gravadas mais tarde em um CD só com as vozes dos participantes do projeto. Atriz, estaria no palco para interpretar os personagens mais divertidos que passaram pelo palco do Lona. Entre eles, dona Biana, da montagem de *Quem casa, quer casa*, de Martins Pena.

Além de tudo isso, era a menina de corpo frágil que passava a mão na enxada e danava a capinar ou misturar o cimento nas obras que aparecessem pela frente, como a preparação do local que receberia a lona em seu primeiro endereço fixo, no bairro da Mangueirinha. Mais que uma artista, Raphaela era uma operária, era a pessoa de que o Lona na Lua e o Zeca precisavam.

Daquele encontro recheado de sorrisos, nascia uma parceria digna do livro de Cervantes. Zeca havia encontrado sua fiel escudeira. Ou melhor: sua grande parceira de sonhos, uma Sancho Pança do século XXI, nascida no interior do estado do Rio de Janeiro.

Da tenda à lona

Havia um Dom Quixote. Havia uma Sancho Pança. Havia até um Rocinante motorizado. E havia também moinhos de vento a combater: como, afinal, realizar um movimento cultural em Rio Bonito? Só com ideias, fatalmente se perderia com o tempo. Era preciso materializar a coisa toda.

Nascia, então, no dia 17 de maio de 2009, o projeto sociocultural Lona na Lua. Em Lavras, na quadra da comunidade, estava montada uma tenda branca comprada de segunda mão. Era o movimento virando realidade.

A lona era muito mais simbólica do que qualquer outra coisa: as apresentações eram feitas fora dela porque não havia espaço sob a tenda. O camarim, feito de bambus pelos próprios artistas, guardava o pouco figurino e a quase inexistente maquiagem. “A gente usava pasta de dente no rosto, porque não tinha maquiagem”, conta Wilker, que estava lá na primeira apresentação do grupo.

Teve de tudo um pouco naquele dia. Música, poesia, capoeira, teatro, desenhos. Zeca estava orgulhoso, tinha conseguido provar que poderia levar a arte aos lugares mais distantes do centro de Rio Bonito, um lugar por si só já distante simbolicamente do Rio de Janeiro. Era a periferia da periferia recebendo um dia de artes. Mas era pouco para ele ainda.

De lá, o projeto visitou outras comunidades de Rio Bonito. No mês seguinte, chegou à Serra do Sambê, recebendo, além dos participantes do projeto, artistas locais, como o músico Gatão, bastante popular na cidade, o bandolinista Francisco Azevedo e a banda da Escola Municipal Professor Honesto Almeida de Carvalho.

No auge do evento, a banda tocou dentro da quadra da Serra do Sambê, fazendo um barulho ensurdecedor. “Foi um barulho absurdo. Mas foi proposital. Eu queria sempre que tivesse muito barulho, precisava ter muito barulho, precisa despertar a atenção das pessoas”, lembra Zeca.

Nesse dia, a imagem do Lona na Lua começava a se afirmar, marcada pela união da garotada que estava na escola com artistas de outras gerações da cidade e com um público ávido por eventos como aquele. No entanto, ainda era pouco para o que Zeca imaginava.

Os pedágios que financiavam os eventos e os apoios conseguidos entre comerciantes locais não eram suficientes para alçar voos maiores. Levar aquele evento a tantos lugares já era uma coisa inimaginável. Só que Zeca imaginava mais, mesmo quando não lhe era permitido imaginar muito.

Foi nessa época, em 2009, que a Cia. de Teatro Contemporâneo, do Rio de Janeiro, foi desenvolver um projeto chamado *Novas Perspectivas*, em Rio Bonito. Como era conhecido na região como ator e produtor e pelo trabalho com jovens, Zeca foi procurado para atuar como oficinairo e produtor local. “Fiz as contas e topei na hora. Peguei tudo o que podia fazer, dava todas as oficinas que podia porque era dali que eu ia comprar a lona que eu queria”, lembra.

Lembra que o Zeca sempre tem um plano? Pois é, dessa vez estava ficando mais claro. Ia trabalhar como oficinairo, juntar um dinheiro e comprar uma grande lona. A percepção de que Zeca tinha sumido durante um tempo é explicada nesse contexto: não saía, não comprava nada, não gastava com nada. Só trabalhava e juntava dinheiro para a nova lona.

Além disso, com as oficinas, garantia também a capacitação dos participantes do projeto e conseguiria atrair mais gente para o movimento. Ia criar seu próprio centro cultural a partir daquela experiência itinerante.

Assim, a história vai ganhando novos rumos. O sonho, desde o princípio, era maior que uma tenda de 4m². E, se o plano era uma lona na lua, havia de ter pelo menos um céu estrelado para servir de moldura.

Encontrou seu objeto de desejo em uma loja em Tanguá, município vizinho a Rio Bonito. Entre as tendas e lonas vendidas lá, Zeca já tinha escolhido a tenda bolha - que as pessoas acham que é uma lona de circo, mas não é. Custava, à época, R\$50.000,00, já com o transporte e a montagem incluídos.

O *Novas Perspectivas* aconteceu entre 2009 e 2010. Depois de um ano de trabalho, Zeca havia poupado todo o dinheiro recebido das suas atividades e juntado ao dinheiro conseguido em pedágios no centro de Rio Bonito e a um empréstimo feito pelo pai. Foi ao banco, imprimiu algumas folhas de cheque – para o caso de ficar nervoso e errar – e partiu para a loja.

A viagem de pouco mais de 10 minutos foi marcada pela ansiedade, característica típica dele. Era difícil segurar a emoção de realizar aquilo. Em meio a tantas dificuldades e àquela espera de um ano, conseguiria comprar a desejada tenda bolha que serviria de base para o projeto.

Mas não seria tão rápido assim. Ao chegar lá, descobriu que, um ano depois de fazer o orçamento, a tenda bolha tinha tido seu valor reajustado. Custava, agora, R\$ 53.000,00, três mil a mais que a previsão anterior. Mais que isso: três mil reais a mais do que tinha.

Passou um cheque de R\$50.000,00 e pediu um prazo para pagar o resto. O proprietário da loja não entendeu nada, mas concordou em parcelar o que faltava em três vezes.

“O cara tava achando engraçado o meu desespero! Ele dizia: ‘Como assim tu tem 50, mas não tem três?’. Mas eu não tinha, ia me virar pra arrumar”, lembra Zeca que, hoje, acha engraçado também.

Ele, então, passou um cheque de mil reais para 30 dias, outro para 60 e um terceiro para 90 dias. Era o tempo que tinha para conseguir o restante – e conseguiu. Antes de entregar o cheque, escreveu no verso: “Sou um artista... um bobo”.

Estava consumado. Ia ter lona na lua, sim. Mas faltava um detalhe importante: que lugar seria esse?

“O Lona na Lua esteve prestes a *se suicidar*. Quer dizer, eu estive prestes a suicidar o Lona. Briguei com a prefeitura por um espaço no Green Valley, queria que eles me cedessem uma área no Parque Florestal. Fiz um abaixo assinado, que tinha mais de três mil assinaturas, tinha até do padre e do delegado da cidade. Achei que seria uma boa ideia, porque tinha uma pracinha e que no fim de semana as pessoas iam pra lá passar o dia com os filhos. Ainda bem que não deu certo. Se rolasse, ia ser um suicídio. Quem vai para o Green Valley? Não tem nem ônibus lá. A prefeitura não me deu e acabou fazendo um favor”, explica.

O Green Valley é um bairro próximo à BR-101. Tomando a Praça Fonseca Portela, no centro de Rio Bonito, como referência, está a uns 30 minutos de caminhada. Mas era – e continua sendo – uma área residencial, com pouco comércio e qualquer outra atividade. Nos últimos anos, o Fórum e a Delegacia da cidade foram transferidos para lá, mas não houve melhorias significativas na região, exceto a colocação de mais asfalto – o que inclusive pode ser bem discutível como melhoria.

Diante da negativa da prefeitura, estavam buscando opções. A ordem era que todos os envolvidos no projeto apresentassem sugestões de lugares e ficassem atentos às possibilidades. Zeca estava disposto a ocupar um lugar qualquer, montar no meio da praça se fosse o caso. Acreditava que precisava fazer barulho.

“Aí, minha mãe viu um terreno vazio perto do trabalho dela. Era de seu Beбето, pai de Mariana, minha primeira parceira de cena nos tempos da escola, lá na Mangueirinha”, lembra. O terreno pelo qual a tia Fátima passava todos os dias na volta do trabalho no Ambulatório Municipal Manuel Loyola Silva Junior ficava no bairro da Mangueirinha, no acesso da estrada ao centro de Rio Bonito.

Simbolicamente, era um antigo ferro-velho.

A estreia

“Eu gosto muito de símbolos, né? E, pra mim, ter sido um ferro-velho é um negócio muito forte”, disse Zeca em uma das nossas conversas.

O caminho estava então forrado de símbolos. Restava preparar tudo, montar a lona e começar os trabalhos. Para a abertura do Espaço Cultural Lona na Lua, foi programada uma temporada de dois fins de semana, com a peça *Sonho de uma noite de verão*, com os próprios alunos-artistas do movimento.

Antes, porém, um espaço para sentir a alegria da vitória: uma pausa para a contemplação da lona montada. “O Zeca armou a lona, colocou um monte de tijolinhos e chamou a gente. Nós sentamos; tava um frio enorme e todo mundo lá. A gente tava ali unido, junto. Foi lindo!”, lembra, emocionada, a estudante de psicologia, Taiane D’Ornellas, que se uniu à trupe durante as oficinas do *Novas Perspectivas*, realizada no Teatro da Câmara de Dirigentes Lojistas de Rio Bonito, em construção à época.

Ela conta ainda que ele foi perguntando o que cada um tava sentindo. As respostas tinham a ver com toda a alegria do momento. Muito choro, muita emoção. Já no final daquele momento, olhou para um dos meninos e repetiu a pergunta.

“O que você tá sentindo aqui dentro?”

“Frio.”

Gargalhadas ecoaram pela lona ainda vazia. Era um bom início.

Faltava, porém, o palco. Só que não havia madeira e também não conseguiram nenhuma doação com as madeiras da região. Foi nesse momento que tia Fátima entrou na história.

“Eu já tinha gastado todo o dinheiro que tinha recebido e o que iria receber ainda. Não tinha nada, tava completamente duro e a gente ainda não tinha o palco”, lembra Zeca. A solução foi recorrer à mãe.

Foi assim que ela começou a chegar. “Um belo dia, ele chegou lá no serviço pedindo pra eu comprar a madeira do palco no cartão de crédito. Eu disse: ‘mas, gente, como eu vou comprar? Vocês vão ter dinheiro pra pagar?’ Eles disseram que iam dar um jeito”, conta.

Perguntei se eles pagaram a dívida das madeiras e a senhora pequenininha, de olhos apertados, que sempre foi a todas as estreias das nossas peças e, agora, é uma das grandes responsáveis pelo sucesso do Lona na Lua, mãe de todos os loneiros, dá uma grande gargalhada. “Pagaram nada, meu filho!” Desde então, ela e o marido, seu José, passaram a atuar mais diretamente. Ainda mantendo alguma distância, mas cada vez mais próximos do projeto do filho. “O Júnior é muito bobo às vezes. Ficava preocupado, porque tem sempre alguém pra se aproveitar de gente assim”, recorda seu José, o Mineiro, pai de Zeca.

Um ano depois da compra das madeiras, tia Fátima se aposentou e foi de vez para o Lona na Lua. “Eu fui chegando, vi que ele precisava de mim, que tinha uma coisa ali que ia precisar de mim”, disse. A fala dela aponta para uma questão colocada naquele momento de crescimento do Lona na Lua.

Muitas pessoas associavam o projeto a “consumo de drogas, orgias, vagabundagem em geral”, segundo Zeca. “Achavam que rolavam coisas absurdas nessa lona”, conta rindo. De alguma maneira, a presença da mãe ali conferia um peso, uma legitimidade às ações do projeto. Naquele momento, muitas mães começaram a se envolver mais diretamente e isso foi importante também.

Além disso, tia Fátima representava o pé no chão e uma atenção maior ao funcionamento do Lona na Lua no dia a dia: “Muita gente que abandonou o projeto torcia o nariz pra minha mãe, porque a presença dela dificultava que me sacaneassem, né?”.

Em meio a tudo isso, a estreia tão sonhada. Na adaptação de *Sonho de uma noite de verão*, estavam preparados para uma explosão de público, gente voltando da porta, lotação máxima.

“Eu chamei as crianças e falei: ‘olha, gente, vai ter muita gente aqui; vai explodir; não vai dar pra vocês trazerem ninguém. Deixa pra outra semana’. Eu tinha certeza que ia ser um sucesso, um negócio que ninguém nunca tinha visto igual. Eu nunca achei que fosse dar errado.”

Vinte pessoas apareceram no primeiro dia. “Ele achava que bastava montar a lona e ia tudo acontecer”, conta a mãe balançando a cabeça. Zeca concorda.

Mas demorou a entender na época. Culpou os loneiros, jogou para eles a responsabilidade, manteve todo mundo vendendo ingresso na rua o dia inteiro, até nove, dez da noite. Era desespero. “Eu tava quebrado, tinha investido tudo, até o que não tinha. E, depois daquela estreia, tava fracassado também”, explica.

Um nervosismo tomava conta do Lona na Lua. Os pais, que tinham abraçado o movimento, criticaram as decisões de Zeca em colocar os meninos e meninas como responsáveis. Denize, mãe de Ariel, uma das alunas-atrizes, disse a Zeca que ele estava errado. Aquilo foi decisivo. “Ela olhou no meu olho e disse: ‘você está errado!’. Aquilo mexeu comigo de um jeito que não sei explicar”, lembra.

Ele sentiu o baque. Reuniu todo mundo no camarim improvisado nos fundos, pediu desculpas e chorou. Chorou muito, em uma espécie de reconciliação com todos; uma autocrítica essencial para o sucesso do projeto: a consciência de que existiriam problemas pela frente e não seria possível ficar procurando culpados. Era preciso resolvê-los.

“Eu achava que assim que colocasse um cartaz, ia bombar. Um dia, um cara da cidade, que tem problemas mentais, passou na frente do Lona e disse: ‘isso aí vai ser um açougue?’ Pô, era uma lona estrelada e o cara perguntou se ia ser um açougue? Nunca esqueci disso.”

Não era coisa de “louco”. As pessoas não tinham entendido exatamente o que era aquilo. Ou melhor, Zeca não tinha ainda conseguido comunicar exatamente o que era aquilo. Tinha gente que achava que era um circo rodando pelo país e que tinha parado ali. Outros pensavam que a cidade ganhara um novo espaço de festas.

Lembro que, um dia, indo do Rio para Rio Bonito, ouvi uma conversa entre dois rapazes que costumavam fazer festas na cidade. Um deles falava muito entusiasmado com o outro que ia colocar uns forrós ali, que ia ser muito bom. Não aconteceu e, aparentemente, o rapaz nunca procurou Zeca.

Não era uma casa de festas, não era um circo. Era o Espaço Cultural Lona na Lua e o tal “louco” foi o visionário que mostrou a Zeca uma coisa fundamental: era importante, era uma questão de sobrevivência atrair as pessoas. Para isso, muito barulho e muitas peças.

A história sendo escrita em palco quebrado e chão de cimento

O que mantém o Lona na Lua vivo é produzir. Para atrair público e sustentar o projeto, é preciso ter peça.

Zeca divide a produção teatral do Lona na Lua em dois eixos: as produções profissionais e as amadoras. As primeiras são os espetáculos pensados para circular, ganhar vida pós-estreia no Lona, como *Quem casa, quer casa* e *Meu nome é João*, que circularam por festivais nacionais.

Por outro lado, há uma necessidade de produção constante com os alunos do projeto. Até mesmo porque os espetáculos são importante fonte de renda para a sobrevivência do Lona na Lua. Em comum, todos cumprem temporada em Rio Bonito.

Quem casa, quer casa, de Martins Pena, é o grande sucesso da história do Lona na Lua, segundo Zeca. O espetáculo foi montado com recursos oriundos do edital Novas Cenas, da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, em 2011.

Segundo esse edital, seriam escolhidas propostas para montagens de textos de Martins Pena, dramaturgo do século XIX, considerado o fundador da comédia de costumes no Brasil. Seus textos refletem um momento em que o teatro começava a tratar das situações cotidianas, apresentar flagrantes da sociedade brasileira. Com muito humor, o autor fazia a plateia rir de si mesma. Os contemplados receberiam uma verba de R\$ 10.000,00.

Considerado muito pouco pelos grupos da capital, o valor era, para essa galera de Rio Bonito, impensável para uma produção. Afinal, para quem produzia temporadas com menos de R\$1.000, era a chance de ouro.

O Lona na Lua foi selecionado e o resultado foi uma montagem arrebatadora, com o elenco liderado por Raphaela Dias, como dona Biana, a matriarca da família apresentada na peça. Em entrevista ao jornalista Flavio Azevedo, a atriz contava da empolgação do momento, destacando que o Lona na Lua era a “prova de que quando se acredita de verdade no que se faz, as coisas dão certo”. Reforçava o sentimento de “família” no movimento e a ideia de união: “Acima de tudo, somos unidos por um sonho: ver a nossa cidade sendo referência de arte.”

Sobre a apresentação realizada em novembro de 2011, na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, a professora da PUC-RIO, Alessandra Vannucci, escreveu uma crítica bastante elogiosa. Reproduzo abaixo o texto na íntegra.

“O teatro é, no Brasil, quase em sua totalidade, teatro cômico: fenômeno de grande entretenimento, mesmo quando eivado de sátira. Neste âmbito, representativo da história dos hábitos de consumo teatral mais genuinamente brasileiros, a comédia de costume ocupa não somente o rol de fonte documental como de veículo comunicativo ainda fluido e vivo entre palco e plateia. E jamais ele esteve mais vivo do que na obra de seu criador, Martins Pena (1815-1848).

Do ponto de vista do indivíduo branco português que se integra à vida da colônia, Martins Pena faz a crônica das situações mais ordinárias e ‘reais’ da cidade, inventando um seu estilo lúdico e original na descrição paritária das relações humanas, mesmo que na vigência da escravidão. Seus personagens são figuras típicas, quase farsescas; indivíduos nem bons, nem maus, vistos à luz da razão; graciosas silhuetas com pouca consciência moral que, mesmo quando reivindicam os seus direitos, não perdem uma boa piada. Assim, mesmo sendo realista, Martins Pena faz da realidade um mero pretexto para o seu fazer teatral e baliza a noção de arte como jogo.

*Uma postura que repercute e justifica plenamente os seus intérpretes do Grupo Lona na Lua, cujo êxito feliz parece ser proporcional à qualidade de interação com o inesperado em cena. Desde a brilhante abertura de *Quem casa quer casa*, o grupo estabelece uma convenção ousada de jogo cênico, embasada na criação de imagens ao mesmo tempo solenes e engraçadas e na fala simultânea dos personagens, que tecem um tapete sonoro, ressignificado pelo som dinâmico da banda rock ao vivo.*

O ritmo e o domínio de palco do grupo se estabelecem a partir desta ousadia de “inventar” o seu próprio teatro. Com ótima liberdade, temperada por uma evidente disciplina física e vocal, os atores lidam com suas partituras, quanto mais extravagantes e diversas, tanto mais orgânicas. Fartos detalhes vocais e gestuais, complexas máscaras físicas e faciais compõem personagens tão poderosamente teatrais quanto críveis e ‘sinceros’, ou seja, dotados de uma sinceridade construída não de fora para dentro, mas, sim, de dentro para fora, seguindo uma íntima regra de jogo em que o ator se arrisca e joga, em primeiro lugar, consigo mesmo. Mas não só.

A peça esbanja cumplicidade entre companheiros de cena – cada encontro proporcionando um duelo entre ritmos diferentes, em crescendo, até o clímax de histéricas orgias sonoras e imagéticas –, sublinhada por jogos (como o das cadeiras, par ou ímpar, boxe em câmara lenta) que, mesmo marcados, parecem estar sendo jogados ‘de verdade’. Diríamos que, para além da felicidade das marcas, inclusive de interação musical-cômica entre banda e intérpretes, a eficiência dos atores deve-se ao fato de que eles mantêm certa abertura ao jogo, mesmo dentro de uma partitura marcada e, assim, são capazes de se surpreender, ao passo que pegam o público sempre de surpresa.

O diálogo com a plateia é dos mais felizes. O riso quase ininterrupto dos espectadores não compromete uma reflexão mais profunda, mas também não é um amálgama homogêneo. Ao contrário, parece afirmar a reação de cada individualidade diante das vivíssimas frustrações, raivas, birras, terrores e desejos dos personagens.

Com o típico exagero romântico ibero-americano que, em seu fanático europeísmo, não conseguia controlar sua ânsia de se comparar, mais cedo ou mais tarde, à capital cultural do continente-modelo, Martins Pena foi definido o ‘Molière brasileiro’. Crédito improcedente. Seus ambientes urbanos, familiares, de contrastes miúdos entre mentalidades sociais ou entre gerações, com seu pitoresco intercalar de vernáculos e sua espontaneidade, não poderiam ter sido gerados se não no Rio de Janeiro. Suas comédias se tornam cada vez mais eficientes quanto mais se distanciam do modelo francês e mergulham no contexto familiar. Por isso, esta adaptação ‘carioca’, mesmo quando se permite amplas licenças cômicas e traições à letra, mantém uma fidelidade ao espírito que se garante da vitalidade não esterilizada e da ‘cor’ não desbotada deste clássico carioquíssimo, duzentos anos mais tarde, à prova do palco.”

Depois da estreia na capital, a peça se apresentou em Rio Bonito, lotando o espaço em todas as apresentações. “O que a Alessandra Vannucci nos disse naquele dia foi muito importante. Ela estava nos dizendo que estávamos no caminho certo”, aponta Zeca. Até hoje a montagem é lembrada na cidade.

Sorte diferente de *Meu nome é João*, espetáculo livremente inspirado na música *Faroeste caboclo*, da Legião Urbana. A peça foi muito bem recebida em festivais em Angra dos Reis (RJ), Teófilo Otoni (MG) e Aracati (CE), mas causou grande controvérsia na cidade.

“É uma peça muito boa, mas nela é tudo muito cru. É agressividade demais, tem palavrão demais, gritos demais, as pessoas ficaram assustadas. O público acostumado com as outras peças mais leves, claro, não gostou”, analisa. E não gostou mesmo: discussões intermináveis nas redes sociais do Lona na Lua marcaram a temporada na cidade.

A maioria das produções, porém, são as que Zeca classifica como “amadoras”, as produzidas para acontecer apenas em Rio Bonito. Esses espetáculos colocam, em média, 1.500 espectadores em uma temporada. Espectadores que compram ingressos, doces, pipoca, refrigerantes. É esse movimento que gera renda para a manutenção das atividades.

Para tanto, é imprescindível que as montagens contem com a participação dos alunos, o que leva familiares e amigos a assistir. Além disso, é ainda fundamental que as peças dialoguem com a realidade local ou contemplem as memórias dos espectadores.

Dessa forma, Zeca tomou um caminho interessante, logo no início do projeto, apostando em dramaturgia nacional ou em adaptações de textos clássicos a uma realidade nacional, tudo recheado de referências locais e diálogo com a cultura popular. Nasceram, assim, *Sonho de uma noite de verão* (2010), *O auto da compadecida* (2010), *Dom Quixote de La Mancha!* (2010), *Dona Flor e seus dois maridos* (2011), *O bem amado* (2011), *Romeu e Julieta no sertão* (2011), *Respeitável público* (2013), *O santo e a porca* (2013), *Minha casa, minha vida* (2014) e *Lisbela* (2015).

Ele mesmo escreveu as adaptações, que bebem na obra de Suassuna, Dias Gomes, Jorge Amado e Shakespeare. Além delas, foram dois textos autorais: *Minha casa, minha vida* e *Respeitável público*.

Dentre as peças, *Dom Quixote de La Mancha!*, ironicamente, foi um fracasso de público. Para Zeca, “foi um grande erro”.

“A gente tava em ascensão, todo mundo muito animado com a comédia inspirada em histórias da cultura popular, casa cheia todo fim de semana e eu quis montar *Dom Quixote*, quando deveria ter seguido a linha do que tava dando certo. A peça era linda, mas triste. As pessoas não gostaram.”

De fato, depois de um início de pouco público, as coisas começavam a melhorar com *O auto da compadecida*. Era uma comédia divertida, com referências a personagens locais. A história da peça engraçada, que acontecia todo fim de semana naquela lona, na Mangueirinha, se espalhou pela cidade e tinha fila na porta pra comprar ingresso.

A sequência com *Dom Quixote de La Mancha!* não manteve a pegada. Talvez, mais que não gostar, tenha faltado empolgação. Não era um espetáculo que conduzia as pessoas por um caminho de gargalhadas frenéticas, como o anterior. Não havia a redenção pelo riso. “Não tem esse papo de que as pessoas só gostam de comédia. Não é nada disso. Foi só o momento errado”.

Mas Zeca entendeu o recado. Era preciso manter o ritmo anterior. Não se abateu e levantou, junto aos loneiros, a produção de *Dona Flor e seus dois maridos*, livremente inspirada na obra de Jorge Amado.

Claro, não havia nudez ou sensualidade, mas, sim, uma grande brincadeira no palco. A plateia ria sem parar. Pronto, estava selada a paz entre público e artistas. Casa cheia outra vez e a fama na cidade se consolidando. Finalmente, a ideia de “construa e eles virão” parecia se realizar.

A sequência de sucessos, se não trouxe estabilidade financeira, ao menos consolidou o projeto na cidade. Em abril de 2011, o jornal *O Tempo em Rio Bonito*, do jornalista Flávio Azevedo, trouxe matéria que citava o sucesso da temporada de *Dona Flor e seus dois maridos*.

Na matéria, assinada pelo próprio jornalista, havia destaque para um público de 2.500 pessoas que assistiram ao espetáculo naquela temporada. Em sua fala, Zeca agradeceu aos empresários locais que financiaram a produção e às escolas e às professoras que, segundo ele, estavam sendo “grandes parceiras do projeto”.

O mesmo jornal apresenta matéria, em julho do mesmo ano, que fala sobre *Romeu e Julieta no sertão*, classificando a temporada como um “sucesso estrondoso”. Ficava claro que o Lona na Lua ganhava a cidade aos poucos, tornando-se, apesar das dificuldades, um grande sucesso.

E não apenas na cidade. O sucesso local era esteio para que as produções ganhassem outros locais, recebessem premiações em festivais e críticas positivas, como a da professora e dramaturga Alessandra Vannucci, anteriormente citada. O movimento ganhava notoriedade e recebeu a indicação para o Prêmio Rio Sociocultural 2011, um reconhecimento às ações socioculturais realizadas no estado do Rio de Janeiro.

Concorrendo com representantes dos 92 municípios do estado, o Lona na Lua recebeu o Selo Rio Sociocultural, que serviria como uma chancela ao movimento e contribuiria para o reconhecimento por parte da Secretaria Estadual de Cultura e dos municípios vizinhos. Além disso, receberam um valor em dinheiro para estimular o desenvolvimento do projeto. O perfil do Lona, o esforço mobilizador e seu caráter multiplicador foram decisivos na disputa.

Era o começo de 2012. Tinham acabado de montar *Quem casa, quer casa* e estavam gozando daquele momento de paz, sucesso e alegria. Mas nada parece ser muito simples para esse pessoal.

Respiros

“Só enquanto eu respirar, vou me lembrar de você, só enquanto eu respirar”.

É esse o coro que se ouve enquanto uma chuva vermelha toca a madeira. O pesadelo, tão cru, tão cruel, tão inacreditável, tão inacreditavelmente dolorido havia começado um mês e meio antes. Sem data para terminar.

No primeiro ato, Raphaela está sentada ao lado do sofá da sala da casa de Zeca. Os olhos redondos diminuídos, como um farol baixo querendo apagar. Estavam ensaiando para uma adaptação de *Os saltimbancos*. A ideia era rodar escolas da cidade apresentando o espetáculo e, dessa forma, conseguir fundos para a manutenção do Lona.

Zeca gosta da peça. Um carinho especial. Havia sido uma das suas grandes participações nos tempos do grupo de teatro do Colégio Cenecista. Como o Cachorro, tinha se destacado bastante e caído nas graças do público por todos os lugares em que passaram com o espetáculo.

Assim, preparou uma nova adaptação, bem simples, e reuniu os jovens atores do Lona na Lua. Ainda estavam nas primeiras leituras, mas já ficara definido que Raphaela seria o Cachorro.

Mas, naquele dia, no chão da sala, as coisas começariam a mudar. Durante a leitura, os outros atores foram percebendo que ela não estava bem. Perguntada, tentava resistir. Até que não aguentou e disse que tinha que parar um pouco e ir ao médico.

Ela decide ir embora, mas quer que todos continuem ensaiando para a peça. Da casa de Zeca, vai à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Rio Bonito. Feita a triagem, a suspeita é de que seja mais um caso de dengue na cidade. O atendimento e o exame reforçam a ideia, dado o baixo nível das plaquetas. A decisão é pela internação, para que seja observada.

Horas depois, Zeca recebe um telefonema da avó dela, dona Terezinha, avisando que a Raphaela ficaria internada e que não haveria visita. Combinam um encontro na UPA, na manhã seguinte.

A noite é longa. Os outros atores ainda não sabem direito da história. Zeca, em casa, está ansioso. As horas vão seguindo a conta-gotas.

O dia amanhece e ele vai para a UPA. Chegando lá, uma nova surpresa ruim: Raphaela havia sido transferida para a “sala vermelha”. No protocolo de atendimento, significava uma emergência. Independentemente de protocolos – e da compreensão deles pela família e por Zeca –, está claro que as coisas não vão nada bem.

Aos poucos, os loneiros vão sendo informados. As pessoas começam a chegar à UPA e, junto, um clima de desespero. Os loneiros choram muito, eles sempre choram muito; com alguém tão querido doente, tudo se amplifica. Por conta da situação, de lá ela é transferida para o Hospital Regional Darcy Vargas, no centro de Rio Bonito.

Nesse momento, Zeca assume a coordenação dos esforços. Parte em uma peregrinação pelo hospital atrás de ajuda dos médicos e dos membros da diretoria, buscando uma maneira de resolver. Enquanto isso, Ariel, a amiga constante, não sai do hospital de jeito nenhum.

Os médicos responsáveis são muito atenciosos com aquele monte de gente que não sai do hospital. Tentam explicar o inexplicável para quem não quer explicação: todos só querem a Raphaela bem. Há algumas suspeitas, mas o caso evolui de maneira muito rápida. Há uma infecção. Está medicada e em observação. Flávio Colucci e Luiz Gustavo Martins, membros do corpo médico e da diretoria do hospital, respectivamente, acompanham o caso de perto e tentam amparar Zeca e a família no dia a dia.

As visitas são restritas aos familiares. O pai de Raphaela, Jorceil, todos os dias, pouco antes do fim do horário de visita, sai da sala intensiva, retira o adesivo do peito e passa para Zeca, que consegue entrar para ver a amiga.

Em busca de notícias o tempo inteiro, os amigos do Lona decidem ir até o hospital e ficar por lá, em uma espécie de vigília. Todo o resto parece secundário nesse momento. É preciso estar lá.

Logo no primeiro dia, quando se aproximam do vidro da unidade intensiva, Raphaela está na cama, com a máscara de oxigênio e com acessos para o soro, mas cheia de bom humor: acena, manda beijos, faz um coração com as mãos.

Por alguns momentos, tudo parece que vai dar certo. Há um clima de otimismo nos loneiros. Mais que isso: eles têm certeza que, em breve, ela vai estar de volta à lona e aos ensaios.

É um momento especial para o movimento. Naqueles dias, a lona está sendo transferida para outro endereço, uma nova sede para o Espaço Cultural Lona na Lua, na avenida Sete de Maio. Uma área mais central, mais próxima do público, uma conquista importante. Só que a conquista implica em um volume maior de trabalho e preocupações: é preciso deixar tudo pronto, capinar o terreno, levantar as paredes de uma salinha que servisse de escritório, cimentar o chão, conseguir recursos que pague todas as despesas daquele momento.

Enquanto Raphaela e os loneiros resistem, os médicos, liderados pelo diretor Flávio Colucci, continuam trabalhando em cima de um diagnóstico mais preciso. Envia o caso para outros locais em busca de opiniões a respeito. A suspeita é de que seja uma doença autoimune.

São dias longos. Muita tensão. Medo. Ansiedade. Preocupações variadas. Tudo misturado. Zeca é o cara que resolve as coisas. Portanto, não conseguir resolver é um drama sempre, um peso enorme, fonte de inesgotáveis cobranças a si próprio. Uma coisa tão típica dele desde muito tempo, que havia uma brincadeira entre os dois. Diante de um problema, Raphaela costumava dizer: “Zeca resolve”. Em um dos dias da internação, ela lembra disso. Com dificuldades de respirar, tira a máscara de oxigênio, olha para ele e diz: “Resolve aí, Zeca”.

Ele não admite desabar. Em meio à situação complicada, Zeca não come e nem dorme direito. Os olhos fundos e o rosto abatido denunciam o estrago por dentro do jovem de 26 anos. É preciso resolver. A parceira de sonho está ali, prostrada, sem que a solução esteja ao alcance dele. Os moinhos de vento estão derrubando a Sancho Pança.

Em uma das visitas, tentando afastar a sombra de tragédia que paira diante dos olhos, faz uma promessa a ela: “Se você melhorar, deixo você escolher uma peça pra gente montar”. Ela acena concordando, como se dissesse, vai ter que dar um jeito porque eu vou melhorar.

É mais uma história para contar lá fora, para os outros. Poucos conseguem entrar nesses dias. Quase sempre é só a família. Do lado de fora, os amigos inventam o que podem: gravam vídeos, mandam mensagens, acenam da janelinha.

Vem um momento de alívio: mais de um mês depois de ter sido internada, Raphaela melhora. Parece estar reagindo ao tratamento e os médicos decidem transferi-la para o quarto. Poderá receber visitas, estar com a família construída no Lona na Lua, a família que escolheu e que vivia intensamente.

Ato contínuo à transferência para o quarto, já começam as visitas. Quando Zeca aparece pela porta, ela diz: *Lisbela*. É a resposta à promessa que ele tinha feito. Ela havia cumprido a parte dela, melhorado e ido para o quarto; quer, agora, a dele: criar uma peça baseada na história de *Lisbela e o prisioneiro*. Ele sorri, como que agradecendo pelo trabalho que teria.

Taiane, a amiga do Lona, chega e sofre com o abatimento da amiga.

“Nenhê, você tá tão magrinha, tem que comer...”

“Graças a Deus, agora eu tô magrinha, né?”

Ela ri, mas não é engraçado. É só sobrevivência, instinto. O riso é o motor. O riso dos outros garante um pouquinho da energia que está se esvaindo, que já foi. Tenta aguentar, mas, humana, tem que lidar com a perspectiva da morte. Dor e cansaço.

A melhora alegre a todos e os acalma também, mas não esconde o desgaste. Os olhos redondos estão lá, tristes e oblíquos, com uma poesia dolorida a contar uma história que não tem nada de machadiana. É um Tchecov, com a vida esvaindo discreta e irreversivelmente em um leito gelado. Ou suassunamente teatral, aqueles olhos tão expressivos, na luta contra o encontro com “o único mal irremediável”, o “fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados”.

O frio de dentro do hospital e a segura do ar-condicionado vão deixando a boca dela estourada. Nem toda a manteiga de cacau do mundo parece dar conta. Ela reclama do jeito dela, fazendo graça. Lembra que a piada é a boia e tenta se agarrar.

Os dias passam. Três. Parece menos, mas são três dias, o mítico número que os dois tanto gostam de lembrar. Ela não está bem outra vez. Os médicos decidem transferi-la de volta para a ala de cuidados intensivos. É domingo, e como os domingos, chega ao fim com aquela melancolia de sempre.

O telefone toca na casa de Ariel. Denize, a mãe, atende. É do hospital. É o médico que cuida do caso. Informa sobre a decisão de levá-la de volta à área de cuidados intensivos e sugere que eles apareçam no hospital. Seria bom que estivesse com as pessoas que gostam dela; seria bom que recebesse a notícia assim.

Todos correm para lá. Ela reclama, outra vez, fazendo piada, reclamando dos lábios machucados: queria voltar bonita para brincar com os médicos intensivistas. Todos riem um riso sem força. Não tem graça, é só a sobrevivência.

Antes da volta, é preciso fazer um novo acesso para medicação, mas o corpo está tão frágil que tudo fica difícil, doloroso, sai muito sangue. A cena assusta os amigos que veem tudo pela porta entreaberta. Mas, ao sair na maca, está altiva: a doença não a dobra. O corpo esquelético carrega uma alma nobre e resistente, que não quer se entregar apesar de tudo.

Todos retornam para suas casas. O dia seguinte é de escola e trabalho na lona, é preciso deixar tudo preparado. Afinal, é uma questão de tempo até que as coisas voltem ao normal, é o que pensam. Quer dizer, é do que têm certeza.

O 1º de maio amanhece e os loneiros decidem gravar um vídeo com o celular para mandar para ela. São imagens do terreno que abrigará a lona, brincadeiras, palavras de apoio, beijos, carinhos. Eles fazem montinhos com a brita espalhada, sentam e não conseguem pensar em nada que não seja a Raphaela curada e de volta. Planejam até uma festa surpresa - faria 22 anos no dia 16 de maio daquele ano - para quando ela sair, com direito a boneco de papelão com o rosto do Brad Pitt.

Mas as notícias não são nada boas. O estado é grave e segue piorando. Os médicos decidem transferi-la para um hospital com mais recursos e a opção é o Hospital dos Servidores do Estado, no centro do Rio de Janeiro. Zeca, de um lado para o outro, segue tentando organizar as ações, na expectativa de salvá-la, de resolver. Em vão.

No começo da noite, os loneiros estão reunidos em um restaurante no centro da cidade, quando recebem a visita da mãe de Ariel, Denize. A fala dela parece não fazer sentido para aqueles jovens - como pode ser verdade? O tom é de preparação para o fim.

As notícias que chegam do Rio de Janeiro dão conta de que Raphaela não está mais reagindo ao tratamento e o corpo não consegue combater a infecção generalizada. Alguns órgãos já começam a dar sinais de falência. O que a mãe fala com a filha e os amigos dela era, com doçura, que a morte estava chegando.

Nesse momento, Zeca está na casa dele. Com a mãe e as últimas forças. Na cidade vazia, a lua parece tocar o asfalto da avenida Sete de Maio, enquanto aqueles adolescentes voltavam para suas casas.

Durante a madrugada, o telefone toca, mas ele não abre os olhos. Tia Fátima se aproxima e fala baixinho, como se a voz não quisesse sair. Ele não precisa ouvir, sabe o que é.

E precisa resolver.

Avisar a todos. Preparar tudo. A notícia se espalha rapidamente e Zeca e tia Fátima vão passando de casa em casa para buscar os loneiros.

O dia vai amanhecendo e ele vai ao Lona. Pedre para a mãe parar o carro e desce com o passo meio descompassado. Quando volta, traz os panos pretos das tapadeiras do palco. Agora, um imenso pano preto cobre o muro do Espaço Cultural Lona na Lua. A dor está escancarada.

A manhã já está no fim, quando o corpo chega a Rio Bonito. O velório é na funerária Santo Antônio, no centro da cidade. Ao redor, as pessoas choram, uma comoção que se espalha pela cidade. Zeca parece não pisar mais o chão. De alguma maneira, é como todos parecem ali.

Lá dentro, cumprem uma promessa feita à Raphaela. Muitas vezes conversaram sobre a morte. Ela sempre disse que seria a primeira a morrer. E que quando isso acontecesse, queria brigadeiro no velório e que todos usassem a camisa do Lona na Lua e um nariz de palhaço. Queria também ser enterrada com a bandeira do movimento.

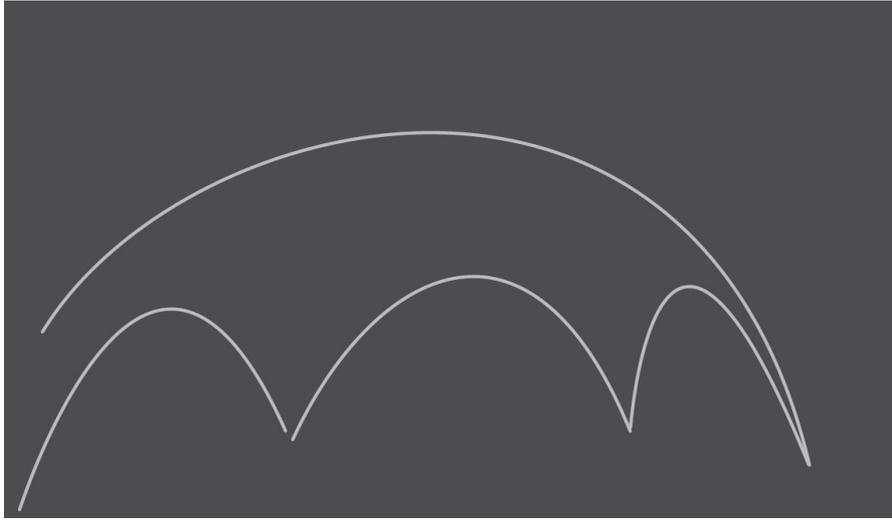
Ainda parece difícil acreditar. Alguns esperam que ela chegue rindo e fazendo alguma piada. Mas ela não vai chegar.

Ao final do velório, Zeca pede a família autorização para colocar a bandeira. Cumpre o desejo dela. Depois disso, o corpo é levado para o Cemitério de Boa Esperança, 2º distrito de Rio Bonito.

Enquanto o caixão é colocado no túmulo, os loneiros cantam “O anjo mais velho”, música do Teatro Mágico, uma das bandas preferidas de Raphaela. “Só enquanto eu respirar, vou me lembrar de você”. E uma chuva vermelha cai junto: os narizes de palhaço são lançados ao túmulo com ela.

Não é um pesadelo e é um pesadelo. A ausência dela é silêncio. Os olhos dos loneiros não mentem a dor junto à poesia, ao verbo e à saudade. E o fim, por mais belo que seja, não tem mais nada de incerto.

Cantam alto. Mas nenhum grito é suficiente.



O meio

O Lona e o limbo

Ele não sabia o que fazer. Braços, pernas, ombros, coluna, o que sustentaria o peso da ausência?

Raphaela Dias havia morrido no dia 1º de maio daquele ano de 2012, no momento em que os loneiros se preparavam para dois grandes passos: a transferência do Espaço Cultural Lona na Lua para o novo endereço, na avenida Sete de Maio, e a participação na cerimônia de premiação do Prêmio Rio Sociocultural.

Com a sua morte, criava-se um buraco. Um buraco emocional. A dor após a morte da Raphaela era imensa. Era um nervo exposto sendo martelado.

Os loneiros sentindo a dor da ausência, da estupidez da morte. Todos os dias, o tempo inteiro. Ela se tornou a ausência mais presente que se poderia ver. Só se falava dela, só se pensava nela, só se lembrava dela.

As pessoas mais próximas, mesmo as de fora do movimento, sentiram-se comovidas com a situação. Afinal, era uma menina, 21 anos. A morte dela, vista em perspectiva, carrega um tom de tragédia.

Por outro lado, havia o buraco físico. Raphaela era mais que o braço direito de Zeca. Era, em essência, o Lona na Lua. Produtora, atriz, compositora, resolvedora de problemas. Raphaela era a pessoa que estabilizava o projeto em momentos tensos. Era o contrapeso à ansiedade de Zeca. A voz suave que interferia para solucionar as coisas, a única que levantava a voz em discussões com ele.

Dessa forma, sua morte representava, além da perda para os amigos e colegas, uma perda profissional enorme para o movimento. Criava-se um vazio. E um bem difícil de ser preenchido.

Em meio a tudo isso, Zeca não sabia o que fazer. “Eu fiquei doido. Eu que nunca fui de fumar, me tranquei na lona e fumava três maços de cigarros por dia. Toda noite ia pro mesmo restaurante beber”, lembra.

Na semana seguinte ao enterro, no dia 7 de maio, era o aniversário de Rio Bonito, a grande festa pública da cidade. Além da programação de shows, há um tradicional desfile cívico-escolar do qual participam todas as escolas do município, públicas e privadas.

Naquele ano, o Colégio Municipal de Ensino Médio Doutor Márcio Duílio Pinto e a prefeitura resolveram prestar uma homenagem à artista que havia morrido. Junto a eles, estavam os loneiros, em formação, com as camisas do Lona na Lua e uma fita preta amarrada no pulso.

No momento em que a escola passava em frente ao palco montado na praça Fonseca Portela, anunciaram o nome de Raphaela. Os loneiros ergueram o punho direito e gotas grossas de chuva começaram a cair no centro de Rio Bonito.

Duvidei de Zeca me contando essa história. Fui atrás dos jornais da época. Na edição daquela semana da Folha da Terra, jornal local editado pelo jornalista Alfonso Martinez, está uma matéria citando o episódio.

A autora é a jornalista Livia Louzada. Antes de ser jornalista, Livia foi nossa colega de escola. Mandeí uma mensagem a ela perguntando sobre o fato.

“Me recordo, sim, desse desfile. Eles levantaram a mão direita na frente do palanque, em homenagem a ela e, nesse exato momento, começou a chover. Foi arrepiante.”

Voltei à conversa com Zeca. “Não seria só uma coincidência?”, perguntei. “No Lona não tem coincidência”, ele me explicou e sorriu.

Aquelas gotas de chuva, porém, não foram suficientes para amenizar o clima. A morte da Raphaela era uma dor difícil para todos. Muitos acabaram se afastando naquele momento. Alguns porque não aguentavam mais estar ali e ter que conviver com a lembrança dela. Outros porque se sentiram abandonados. Zeca não tinha tempo para mais nada além do próprio sofrimento.

No mesmo mês de maio de 2012, havia dois compromissos: o Festival de Teatro do Rio e a etapa final do Prêmio Rio Sociocultural. Não tinha tempo para dor, era preciso continuar.

A peça *Quem casa, quer casa* estava com participações previstas em festivais fora do estado e com temporada agendada em Rio Bonito. Era preciso seguir.

Na cerimônia final do Prêmio Rio Sociocultural, realizada no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o Lona na Lua esteve presente. Foi uma festa triste. E que ficou ainda mais dolorida quando o clipe, com os então finalistas, gravado meses antes pelos organizadores do Prêmio, foi ao ar: ela estava lá e não estava lá.

Aquele mês de maio significou a confrontação com a realidade. A lona estava montada na nova sede, apresentações estavam marcadas, havia compromissos a cumprir. Era preciso seguir, mas a perna não tinha forças para dar aquele novo primeiro passo.

Eu assisti pela primeira vez a um espetáculo no Lona na Lua nessa época. Foi a primeira temporada de *Quem casa, quer casa* na nova sede. Já tinha visitado a lona no ano anterior, quando ainda estava na Mangueirinha. Entretanto, quando visitei, o lugar estava vazio, só palco e cadeiras.

Cheguei para a apresentação e já ficamos todos comovidos. Beijo na tia Fátima, no Zeca, conversas rápidas com os conhecidos que estavam por lá. Aquelas crianças e adolescentes do Lona não me conheciam e me olhavam de rabo de olho em meio a tanta intimidade.

Começou a peça e foi impossível não me emocionar com tudo. Confesso que prestava pouca atenção no palco. Queria olhar aquela lona cheia de gente, as pessoas na platéia, se divertindo; crianças, adolescentes, adultos, idosos. Tinha de tudo ali. Gente comendo pipoca, chiclete, bebendo refrigerante, gargalhando e cantando junto. Não que o Zeca precisasse, mas estava muito orgulhoso por ele.

No entanto, naquele dia, outra coisa me impressionou. Ao final da apresentação, havia uma homenagem à Raphaela. E um grande choro tomou conta da plateia. Era emocionante, mas havia algo a mais: era pesado. Muito pesado.

Lembro que saí de lá com essa impressão. Que o ambiente estava extremamente carregado dessa dor. Algo até certo ponto natural pelo tempo e pela intensidade da perda. Ainda assim, algo complicado para um grupo de jovens que precisaria de muita energia.

“O Zeca não deixava a Raphaela morrer. E ele demorou a deixar. Isso era um problema que eu via no Lona. E era até natural, porque ela era a gerente dele, o pé no chão do Zeca. Ele perdeu mais que uma amiga, uma operária. Na hora que ela parte, ele acaba ficando desestruturado. Um monte de gente se acha importante na história do Lona. Mas se tem uma pessoa que foi determinante em tudo foi a Raphaela. Se alguém tinha legitimidade pra falar qualquer coisa, era uma pessoa chamada Raphaela Dias”, acredita Flávio Azevedo.

A sensação de peso, portanto, era compartilhada. Além da natural paralisia pela perda, havia coisas que só a Raphaela fazia, que Zeca não dominava. Agora, seria preciso aprender.

Em meio à crise instalada, tia Fátima, mais uma vez, tem papel decisivo. “É um momento em que a tia Fátima também tem um peso muito grande, porque assumiu o papel simbólico que a Raphaela exercia antes, uma coisa mãezona mesmo”, continua o jornalista. Ela, já aposentada, passa a viver o Lona na Lua ainda mais intensamente.

“Foi muito triste ela partir daquele jeito. E a perda dela levou o Zeca pro chão. Ele quase enlouquece; ele se sentiu muito sozinho. Tava tudo mais tranquilo, tudo pago e veio um turbilhão, a mudança, a perda dela. Naquele momento, ficamos sozinhos. E todo mundo ali dentro buscava uma força pra se reerguer”, recorda tia Fátima.

Talvez até mais que se reerguer. Primeiro, era sobreviver. E sobreviveram. Mais uma vez, ela, a senhorinha baixinha do interior de Minas, estava lá. Deixou de ser só a mãe dele para se tornar a mãe de todos os loneiros. Ereta, firme, presente.

Nos meses seguintes, o luto foi cumprido. Silêncios longos. Viagens para cumprir os compromissos agendados. E muito choro.

“Só enterrei a Raphaela quando montei *Meu nome é João*. Ali eu enterrei ela, ali eu consegui dar um passo adiante”, conta Zeca, referindo-se a montagem da peça de 2012. Em parte isso ajuda a entender a densidade da obra. Sobretudo se comparada às outras feitas pelo grupo. Se

muitos torceram o nariz diante dos gritos e da dureza, para os loneiros, foi necessário.

Assim, o Lona na Lua, aos poucos, ia recuperando sua energia. A vibração voltava devagar. A presença da Raphaela ia sendo ressignificada. Mesmo que em um processo lento e cheio de desvios.

E o primeiro grande desvio chegou em forma de boa notícia no final de 2012. Zeca havia sido convidado para assumir o cargo de secretário de Cultura de Rio Bonito pela prefeita eleita, Solange Almeida.

Além da vaidade, estava em jogo uma enorme possibilidade para Zeca: transformar seus projetos em realidade. Ocupando um cargo público, na sua visão, teria mais condições de fazer isso.

Na cidade, houve uma natural comoção com a indicação dele para a secretaria. Afinal, não era uma questão política: ele vinha do movimento social; era alguém que produzia muito com pouco ou nada e que agora assumiria uma pasta nova, criada especialmente naquele momento.

No entanto, ao longo dos 13 meses em que foi secretário, Zeca enfrentou uma série de dificuldades. Desde a inexperiência em lidar com a máquina pública até a falta de estrutura, passando pelo pouco jogo de cintura para estar no meio da política em uma cidade do interior.

“O Zeca entrou muito idealista, muito cru. Aí, o principal crítico da área cultural em Rio Bonito, passou um ano silenciado. E, ao mesmo tempo, ele, como secretário, não conseguia viabilizar as coisas”, analisa Flávio.

Era, portanto, impossível manter o ativismo na mesma escala de antes. Além disso, o fato de estar ocupando uma secretaria trouxe mais inconvenientes. Muita gente, por exemplo, achou que ele estava rico, que não era mais preciso colaborar com o Lona na Lua, projeto que ficava cada vez mais à mingua e que, com ele na secretaria, não poderia pleitear subvenção pública. Outros acharam que ele era um traidor, que havia se vendido.

Zeca voltou a fumar, engordou, vivia estressado. As críticas eram pesadas, tentavam colar nele, de alguma maneira, a pecha de incompetente. Não conseguiram.

Entretanto, ele não considera a experiência totalmente ruim. “Aprendi sobre burocracia, sobre como lidar com a máquina pública e que não quero mais saber de cargos políticos”, diz e depois dá uma gargalhada.

Surpreendendo a todos, 13 meses após assumir a secretaria, pediu exoneração e voltou para sua lona estrelada. Não avisou a ninguém, nem aos pais, nem aos loneiros, nem à prefeita. Apenas foi até a prefeitura, procurou a Secretaria de Administração e disse que tinha ido até ali entregar o cargo.

Depois de cumprida a parte burocrática, foi à secretaria de Cultura e comunicou os funcionários da decisão. No caminho para casa, passou no primeiro boteco que viu e comprou duas cervejas, que bebeu sentado à mesa da cozinha, debaixo do olhar da mãe.

“Mãe, não sou mais secretário. Vou voltar pra minha lona”, disse. Ela se aproximou, fez um carinho no ombro e deu beijo no rosto dele.

No dia seguinte, a cidade o abraçou. Estava voltando para casa. E havia muito trabalho a ser feito.

Sobreviver

A volta aos esforços pela sobrevivência do Lona na Lua não seria fácil. Enquanto esteve como secretário, o movimento adormeceu. Se considerarmos ainda o período após a morte da Raphaela, havia um torpor que se estendia por quase dois anos.

Longe da prefeitura, Zeca tinha tempo para se dedicar a seu projeto, mas não tinha mais salário. O que não significa apenas um problema para ele, mas a dificuldade de pagar contas do dia a dia.

No entanto, sem esse vínculo, poderia também dar entrada no pedido para receber a subvenção estabelecida no orçamento de 2014 pela Câmara de Vereadores do município. Foi o que fez.

Mas nem tudo seria tão fácil assim: naquele ano, ao prestar contas do dinheiro recebido, foi questionado. Questionei sobre o que tinha ocorrido e Zeca me explicou:

“Comprei cadeiras para o Lona. Foi um erro meu. Eu não poderia ter comprado as cadeiras, porque são consideradas material permanente. Eu poderia ter batido na tecla de que as cadeiras são trocadas em menos de três anos, o que faz com que não sejam permanentes. Mas eu fiz questão de devolver o dinheiro. Devolvi R\$ 4.000,00 para a prefeitura e espero, sinceramente, que o dinheiro tenha sido muito bem utilizado. Eu poderia ter brigado, mas preferi ter história pra contar.”

Pois histórias não faltam. Mas, àquela altura, faltava dinheiro. Não foi fácil devolver o dinheiro. Por sorte, apareceram algumas apresentações que não estavam marcadas e o dinheiro ganho com elas foi usado para a devolução.

Enfrentando a falta de recursos com criatividade, o Lona na Lua criou o programa Empresário Legal, em que empresas da cidade pagavam um valor fixo por mês para a manutenção do projeto. O projeto existe ainda hoje e o dinheiro fixo ajuda bastante. No entanto, não era e continua não sendo suficiente para arcar com todas as necessidades do espaço.

Zeca começou, então, uma grande campanha para arrecadar coisas para o projeto. Pedia também, para quem pudesse, doação de tempo. Era uma tentativa de envolver toda a comunidade na causa, atrair cada vez mais apoios ao Lona e resgatar o espaço cultural, o grupo de teatro, o movimento como um todo.

Uma nova montagem também foi preparada. A peça *Minha casa, minha vida*, com alunos das oficinas e membros permanentes do grupo, teve casa cheia. O pessoal no palco e fora dele estava cheio de garra.

Em parte, funcionou. As pessoas estavam lá. As famílias dos participantes do projeto estavam lá dentro; o público comparecia; gente que tinha passado pelo Lona voltou; chegaram doações de materiais de limpeza e outras coisas. Porém, apesar da ajuda, os custos fixos e a manutenção constante eram altos e não havia como arcar com eles.

Como uma alternativa a essa situação, Zeca, desde que saíra da prefeitura no início de 2014, tentava convênios com cidades vizinhas. Buscava, naquele momento, parcerias em Silva Jardim e Tanguá.

Em Tanguá, o aliado era o professor de História e vereador Luciano Lucio. Luciano é um grande fã do Lona na Lua e acredita que seria muito importante para a cidade ter uma unidade do projeto.

“Eu fui, na primeira vez, pra ver uma peça de teatro. De repente, convidar para uma apresentação em Tanguá. Mas ao ver a peça, o engajamento do pessoal, vi que era formação cidadã mesmo. Saí dali muito encantado”, conta.

Ele tentou levar o projeto para sua cidade, mas esbarrou na falta de recursos. Mas, pela empolgação que percebi na conversa para o livro, vai continuar batalhando para reunir as condições necessárias.

Os entraves à expansão do Lona na Lua em Tanguá não são específicos da cidade. A existência de um projeto como esse em cidades do interior vai sempre estar em meio a uma situação complexa. Por um lado, uma parcela significativa da sociedade acredita e defende os benefícios da existência de um projeto sociocultural de tal porte. Por outro, aparecem uma série de empecilhos de ordem política e financeira para a realização do projeto.

Em Silva Jardim, a situação também não foi muito simples. O contato havia sido feito diretamente com o prefeito e recebeu sinal verde para discutir o convênio com a secretaria de educação.

O processo, porém, ficou emperrado durante quase um ano. Zeca estava a ponto de desistir e chegou a ir até a prefeitura avisar que não tinha mais interesse na realização do convênio. Foi quando conheceu a secretária de Trabalho, Habitação e Promoção Social, a assistente social Maria Dalva, no corredor.

“Eu não conhecia o Zeca. Mas quando ele me foi apresentado e detalhou o projeto dele, percebi que era perfeito pro que eu tinha traçado como meta de trabalho para a minha área. Parecia que ele tava lendo meus pensamentos”, lembra a secretária.

Ela interferiu diretamente na questão, solicitando ao prefeito autorização para iniciar o projeto. Uma semana depois, estava tudo resolvido: atenderiam 200 crianças da cidade, com oficinas de teatro, circo, música e dança, no Teatro Zezé Macedo, no centro de Silva Jardim.

A cidade está na região das baixadas litorâneas e tem, segundo o IBGE, 21.349 habitantes, cuja maioria vive na zona rural. É uma típica cidade do interior do estado do Rio de Janeiro.

Logo que começaram os anúncios de que o projeto chegaria a Silva Jardim, formou-se uma fila de espera. Todos queriam estar ali, fazer parte. De certa maneira, queriam ser loneiros também.

A realização do convênio dava uma sobrevida ao Lona na Lua. Com o dinheiro, Zeca poderia se manter, mas não significava a solução dos problemas em Rio Bonito. O custo era alto e, sem apoio, cada vez mais difícil de sustentar.

Já havia, como parte da busca por financiamento para manter o projeto, criado uma campanha no site Benfeitoria. O Benfeitoria é uma plataforma de *crowdfunding*, uma revitalização da famosa “vaquinha”. Trata-se de um negócio social que fomenta a economia criativa, estimulando a colaboração. Após conhecer Zeca, Téo Benjamin, o gerente de projetos do site, fez questão de ajudar a preparar a campanha.

Nesse momento de crise, Vinicius Daumas e Junior Perim foram pessoas que se aproximaram para colaborar e buscar ajuda para o Lona na Lua. Os dois são fundadores do Circo Crescer e Viver, um circo que junta arte e transformação social. Em mais de dez anos de atividade, o projeto, que começou como um circo social, expandiu suas atividades e se transformou em uma das mais expressivas instituições do circo brasileiro. Os dois apoiaram publicamente o Lona na Lua na época e acionaram possíveis patrocinadores.

Entretanto, nada parecia apontar para uma salvação. Os patrocinadores não estavam em um bom momento e, para a obtenção de recursos públicos estaduais, seria preciso aprovação em algum edital.

Assim, como última alternativa, ele fez a inscrição do Lona na Lua no edital de pontos de cultura do estado do Rio de Janeiro. O edital da Secretaria Estadual de Cultura tinha por objetivo promover apoio financeiro a espaços culturais instalados no estado. Era a última cartada de Zeca.

Era uma esperança distante, não muito mais que isso. Não havia nenhuma perspectiva muito clara naquele momento. Um dia, já quase de madrugada, recebi uma mensagem dele. “Não tá dando mais, cara. Vou desmontar a lona e deixar lá no meio da pracinha.”

Conversamos por alguns minutos e ficou claro que estava cansado de nadar contra a corrente. Estava exausto e disposto a fechar mesmo o espaço cultural.

Naquele dia, havia realizado uma reunião com os alunos, seus pais e os demais participantes, para informar sobre a situação. Depois disso, preparou um longo comunicado e postou nas redes sociais do Lona na Lua.

Assim, deixava claro que só um milagre salvaria o projeto. Um patrocínio ou a seleção como Ponto de Cultura no edital em que havia se inscrito.

Houve uma comoção geral. Os alunos choravam, pessoas se mobilizaram. A comoção, porém,

não era suficiente para solucionar os problemas. Tinham que continuar os esforços e aguardar o resultado do edital.

E ele veio em um dia de chuva. Todo mundo apertado no escritório do espaço cultural. Zeca sentado à frente do computador, de tanta ansiedade, nem conseguiu reagir quando viu o resultado na tela. O projeto havia sido escolhido como um dos pontos de cultura estaduais. Ele não conseguia falar, mas os loneiros ao redor supriam qualquer carência de som naquela hora.

Gritavam, cantavam, pulavam, batiam palmas. Euforia pura.

Saíram de dentro do escritório e foram dançar e cantar na chuva. Como loucos, com a liberdade e a alegria que só os loucos têm. Em mais um dia de chuva na história do Lona na Lua.

Quem a lona cobre

A história do Lona na Lua é feita de pessoas. De maneira direta e objetiva, é isso: o projeto ultrapassou todos os obstáculos que se impuseram - e se impõem a todos os projetos socioculturais - ao longo dos anos de existência, graças aos esforços de muitas pessoas que se envolveram em épocas distintas. Portanto, contar as histórias do Lona na Lua é contar as histórias dessas pessoas. Suas impressões sobre a lona, o Lona e o mundo.

Pensando nisso, convidei alguns participantes do projeto, de períodos e idades diferentes, para uma grande roda de conversa sobre o Lona na Lua. Mais que a história, queria ouvir as histórias.

Wilker, Manuela, Taiane, Ariel, Pedro, Raíssa, Giulia. Rostos jovens, idades entre 16 e 21 anos, gerações diferentes do Lona na Lua. Wilker vem do início do trabalho de Zeca pelas escolas, assim como Ariel; a maioria se juntou ao movimento quando ele se fixou na primeira sede, ainda na Mangueirinha; Pedro, por exemplo, entrou porque ia acompanhar a irmã, Raíssa, nos ensaios.

São, ao todo, três horas de papo, risos, gente chorando, mensagens de telefone avisando que iriam se atrasar. Ninguém ia embora porque o assunto não acabava nunca. E talvez nunca acabe mesmo.

Wilker Beckery é, atualmente, o participante mais antigo do projeto. Ele começou frequentando as oficinas no EMPHAC, com 11 anos, quando Zeca ainda estava no périplo pelas escolas. Integrou o grupo permanente e virou protagonista de *Meu nome é João* (2012), um dos espetáculos profissionais do grupo. Hoje, é oficinairo de circo do projeto em Rio Bonito e Silva Jardim. Um aluno que virou professor, um resultado prático do sonho de multiplicação de Zeca.

Esses personagens reais são a essência do Lona na Lua. Conhecer suas histórias em paralelo a de Zeca é conhecer o projeto. Nas pesquisas, entendi que os loneiros são o símbolo fundamental desse movimento todo. A lona, como um espaço físico, é o que os reúne; as ideias que os norteiam existiriam e resistiriam em qualquer lugar.

“Ah, no começo a minha mãe se assustou, né? Um cara sem emprego dizendo que ia montar uma lona na lua. Mas, depois, viu que era tudo sério”, diz Wilker sobre o início. Parece, de fato, estranho imaginar um cara chegando na escola e dizendo que ia dar aulas de graça para crianças e adolescentes. Quando descobriam que ele não tinha outro emprego, que vivia com metade de um salário-mínimo e do que ganhava com a festa anual relacionada ao bloco de carnaval Pinto Louco, ficava ainda mais esquisito.

Na época em que começou, aliás, esse era um grande problema a ser enfrentado. As festas do Pinto Louco tinham crescido demais e saído do controle. Eram grandes eventos pra mais de mil pessoas. Em uma cidade como Rio Bonito, isso é uma coisa quase inimaginável.

Críticas fortes ao ambiente das festas na cidade começavam a aparecer nos jornais, nas conversas de esquina e nas igrejas da cidade. Não eram apenas dirigidas a ele, mas o incomodavam cada vez mais.

Afinal, como aquele cara que se apresentava como ativista social, o cara que ia trabalhar com crianças e adolescentes, muitos em situação de risco, poderia, em paralelo a isso, organizar festas polêmicas na cidade? A pergunta atormentava Zeca. Se queriam tirar a legitimidade do trabalho dele, ele reagiria à altura, cortando na própria carne: abriu mão do dinheiro que ganhava e acabou com o Pinto Louco.

Depois disso, os pais abraçaram o Lona na Lua, como conta Taiane D’Ornellas, estudante de psicologia e que se juntou ao projeto na época das oficinas do *Novas Perspectivas*. “O Zeca ia lá em casa pedir conselhos à minha mãe. Às vezes, ele tava na loja do meu pai, conversando com ele. Foi buscando experiência dos mais velhos.”

Outra coisa importante seria mudar a própria fama. Zeca era visto por parte da sociedade rio-bonitense como uma espécie de malandro. E, claro, carregava a fama de aluno-problema dos tempos do Barão.

Pergunto o que ele faria se um aluno ligado ao projeto hoje fosse parecido com o aluno que ele

foi. “Eu ia ter que dar uma chamada nele, né?”

Nós dois rimos muito alto. É curioso pensar que alguém com o boletim como o dele, por exemplo, teria que entrar na linha para continuar no Lona na Lua. E, não tenho dúvidas, ele daria mesmo uma chamada. O Zeca de hoje é visto como uma espécie de pai por muitos. Distribui afeto e é rígido com o comportamento e a disciplina. “É muito difícil falar do Zeca”, diz Wilker, seguido pelo coro dos outros, muitas vozes e cabeças balançando em concordância. “É difícil, porque o que o Lona fez por cada um de nós não tem preço. Eu tive diagnóstico de depressão e síndrome do pânico. Acredito muito que a minha recuperação tem tudo a ver com o Lona”, segue o jovem muito emocionado. “Aqui nunca teve nenhum problema ser negro, pobre e filho de um ex-presidiário”. A resposta dele tem tudo a ver com essa transformação e com o papel que Zeca e o Lona assumiriam a partir de então.

Por sua vez, Taiane segue na mesma linha. Conta como foi uma criança com problemas de saúde e como foi difícil encarar a mudança de cidade – morava no Rio de Janeiro, na Tijuca, e se mudou para Rio Bonito. Mas tudo começou a mudar quando, um dia, recebeu uma visita na escola e reconheceu Zeca, que já tinha visto de uma apresentação dos tempos de Interferência. Como outras meninas da mesma idade, Taiane foi para as oficinas de dança no Teatro da CDL. Era o início de muitas alegrias.

Hoje com 21 anos, Ariel Perrone tinha 15 quando conheceu Zeca no Colégio Estadual Desembargador Itabaiana de Oliveira. Participante das oficinas dele, juntou-se definitivamente ao movimento para colaborar no *Novas Perspectivas*, em 2009. Rodou as escolas da cidade divulgando o projeto e ajudou a realizar as inscrições. Era também a melhor amiga de Raphaela e se emociona muito ao falar dela.

“A Raphaela sempre esteve com a cabeça aqui, até quando estava doente. Ela dizia: ‘Gente, vocês têm que se virar sem mim’. Hoje, eu tenho o maior orgulho do mundo em dizer que eu faço *Lisbela* porque ela escolheu”, conta, em referência ao pedido da amiga a Zeca para a montagem da peça.

Não só ela se emociona. Essa é a primeira parte em que a voz de todos some, amassada pela emoção das lembranças. Como fica claro nesta história, o Lona é lugar de gente chorona. Não poderia ser diferente nesse encontro. Outras viriam, mas falar sobre a Raphaela é sempre um chamado ao choro.

Fôlegos e vozes recuperados, a conversa segue. O Lona na Lua é um espaço polifônico, como se vê nas peças. Mas não apenas: nas conversas, essa característica também está presente. Sem um gravador seria impossível acompanhar tudo. Muitos gestos longos, alguns mais curtos; vozes se sobrepondo, agudas, graves, suaves, sutis; tem de tudo. Peço uma pausa: eu e o gravador precisamos de um respiro.

Na volta ao assunto, descubro que Pedro e Raíssa Trindade são irmãos. Apenas um dos casos do tipo. O Lona na Lua acaba trazendo as famílias para dentro do projeto: não só os pais acompanham ensaios, preparativos e espetáculos, mas irmãos, irmãs, primos e primas vão assistir e acabam se juntando à trupe. Nesse caso, ela chegou primeiro. Raíssa começou no palco e, aos poucos, descobriu que gostava mesmo dos bastidores. Virou a iluminadora do grupo. Hoje, tem refletores comprados após a reforma feita em 2015, mas ralou bastante com um equipamento improvisado. O resultado é aquela tal criatividade da escassez da menina que pensa em estudar psicologia, mas quer mesmo é continuar sendo iluminadora.

Pedro, o irmão, ia acompanhá-la nos ensaios. Muito tímido, ficava sentado nas cadeiras do fundo da plateia assistindo. Até que um dia Zeca olhou para ele e mandou que subisse no palco durante o ensaio de uma peça. Foi e ficou.

Pedro se tornou uma figura onipresente na lona. Em todas as vezes que fui lá, encontrei com ele fazendo alguma coisa. No palco, remendando um figurino, varrendo, arrumando coisas. Falo isso para ele durante a nossa conversa coletiva. Ele chora e eu choro junto e todo mundo vai chorando um pouquinho na mesa em que conversamos.

Quando paramos de chorar, pergunto o que ele planeja para os próximos anos. Ele, que está terminando o Ensino Médio, quer estudar Produção Cultural e continuar no Lona na Lua, caminho semelhante ao de Manuela Viana.

Manuela, 21 anos, também chegou ao Lona na Lua no *Novas Perspectivas*, em 2009. Assim como os colegas, viveu alguns dos piores momentos do grupo e acabou se afastando para cursar Produção Cultural no campus da Universidade Federal Fluminense, em Rio das Ostras.

Mas não aguentou muito: acabou procurando Zeca para dizer que tinha que voltar, que sentia necessidade de estar ali. Precisando de uma produtora, ele organizou as contas e a contratou. Hoje, ela é uma espécie de coringa: resolve os problemas do dia a dia, o que permite que Zeca se concentre na busca por patrocínios e convênios que garantam a sobrevivência e a expansão.

Outra pessoa que está sentada conosco é Giulia Cerqueira. Pequena, quieta, Giulia não fala muito na conversa. Mas, quando sobe ao palco, tem uma força impressionante. É outra, como Pedro, que me parece onipresente. Não me lembro de ir à lona e não vê-la.

Olho em volta e vejo, sentados à mesa, aqueles rostos sorridentes e aquelas bocas que falam alto e ao mesmo tempo. Elas representam os loneiros, todos os loneiros que passaram e que estão lá hoje. Nem todos puderam estar na conversa.

Uma delas foi Larissa Moraes, com quem acabei tendo que conversar um outro dia. Ela foi uma das primeiras loneiras que conheci.

Com uma voz suave e densa, Larissa é estudante de Artes e vocalista da banda Mote Combinado. “Eu entrei pro Lona no *Novas Perspectivas*, nas oficinas de dança. Eu gostava de cantar, mas sempre fui muito tímida, então entrei na dança.” Acabaria voltando a cantar e assumindo a direção musical do espetáculo *Quem casa, quer casa*. Na época, em meio a turbulências geradas pela saída de integrantes, Zeca resolveu apostar na menina. Ela não decepcionou. O espetáculo – como já contei – foi um grande sucesso e a parte musical, bastante elogiada.

Falando em música, outro loneiro é Marcelo Oliveira Cardozo, o Marcelo Kaus. Marcelo chegou em um dos momentos mais duros do projeto, logo após a morte da Raphaela.

Mas já estava presente desde a estreia em Lavras, em 2009, como espectador. O convite havia sido feito pelo próprio Zeca.

“Era um show da festa de 7 de maio, minha banda [Maverick] tava tocando e o som tava muito ruim. Xinguei o prefeito no palco e, quando desci, um cara veio me abraçar. Era o Zeca.”

Os dois se aproximaram e Zeca começou a frequentar a casa de Marcelo. Longas conversas sobre Rio Bonito, movimentos culturais, o projeto. “Você sabe como o Zeca é pidão, né? Ele vinha me pedir umas fotos antigas de Rio Bonito, umas gravações no estúdio.”

No fim das contas, acabou cada vez mais dentro do projeto: Marcelo produziu um cd do Lona na Lua, com músicas cantadas pelos participantes do projeto. “Eu gostei do lugar. Ficava conversando com o Zeca, conheci a Larissa [Moraes]. Fui me encantando com o talento das pessoas lá. Logo depois disso, veio a morte da Raphaela e foi um baque.”

A partir disso, Marcelo se aproximou definitivamente do projeto. Passou a compor a banda que acompanha as peças a partir de *Meu nome é João*. Mais tarde, assumiu a criação das trilhas.

De todas as suas criações, uma é especial. A gravação de *Violão sem corda*, música da Raphaela gravada com a voz dela.

“Me lembro só que era um domingo e saí de bicicleta pra comprar jornal. Passei na frente da lona e ouvi um barulho vindo lá de dentro. Entrei e vi o Zeca sozinho, sentado em um monte de brita, chorando e ouvindo uma música. Era a voz da Raphaela, fraquinha, cheia de ruído, com o violão no fundo, gravada no celular dele. Conversamos bastante naquele dia e acabei levando a gravação pra casa. Fiquei uns meses com aquele negócio tentando resolver a gravação e, no fim, virou o nosso *Free as a bird*.”

Free as a bird é uma canção dos Beatles. Na verdade, a última canção dos Beatles. A primeira versão foi gravada por John Lennon, no final dos anos 1970, em uma fita caseira. Era bem simples mesmo. A banda já tinha acabado e a gravação ficou guardada por quase 20 anos, até que chegasse às mãos dos outros três Beatles em 1994.

Assim, em novembro de 1995, os Beatles lançavam uma música inédita depois de 25 anos do fim da banda. E está tudo ali, tão perfeitamente encaixado, que parece que nunca foi de outro jeito.

Depois de me contar a história, ele me mostrou a música. Primeiro, tocou uma música em um áudio de celular. Logo depois do início, apertou uns botões lá e mostrou a base que fez e como a música ficou. Um negócio que me arrepiou. E, confesso, continua me arrepiando enquanto escrevo este texto.

Marcelo colocou as guitarras por cima, fez um grande blues em parceria com a Raphaela Dias. E, guardadas as devidas proporções, claro, o Lona na Lua ganhou o seu *Free as a bird*.

Atualmente, ele e sua mulher, Ana Terra, estão diretamente envolvidos com o projeto. Ela, como produtora dos espetáculos voltados para as escolas; Marcelo, como oficinaireiro de música em Silva Jardim e Rio Bonito, além de diretor musical do Lona na Lua.

Ouvir, pensar e escrever todas essas histórias é uma coisa muito relevante pelo papel que representa. Conteí sobre as conversas com Larissa, Marcelo, Ariel, Pedro, Manuela, Raíssa, Wilker, Taiane, Giulia, mas há muitos outros loneiros. Poderia falar sobre Wallace, Lucas, Anita e sobre tantos outros jovens talentosos dispostos a se dedicar a um sonho, a um projeto maior que eles e que qualquer pessoa.

Em seu site e nas páginas das redes sociais, o Lona na Lua é definido como um movimento sociocultural do interior do estado do Rio de Janeiro, que tem como principal objetivo alcançar o fortalecimento artístico e cultural de crianças e jovens através de um modelo de arte inclusiva. Mas vai além: para muitos, é um símbolo, um lastro, um chão.

Nem tudo foi perfeito ao longo da trajetória do projeto. Alguns outros artistas da cidade que acompanharam o Lona na Lua no início se afastaram ou foram convidados a se afastar. Desavenças e disputas que, para Zeca e os loneiros, ficaram para trás.

Hoje, o projeto que agrega, reúne, é o espaço em que o menino e a menina que gostam de artes, de dança, de desenho cabem. Não importa a idade e a formação.

Os oprimidos, os marginalizados, estão lá também. Debaxo da lona, cabem os que sofrem perseguições na escola. O Lona na Lua é, além de tudo, um grande fomentador da autoestima dos seus participantes. E dos seus ex-participantes também.

São esses meninos e meninas, alguns ainda crianças quando chegaram ao Lona, que transformaram o projeto no que ele é. O louco Zeca só conseguiu levar a sua loucura adiante porque tinha - e ainda tem - ao seu lado os loneiros. Sem eles, não há história.

Com isso, o Lona é um porto seguro e, como espaço, ganha novo significado todos os dias pela presença deles e delas. É o lugar; lugar de todos e para todos. Cabem ali pobre e rico, sem coitadismo: "Não somos coitadinhos, não; somos operários", costuma dizer o Zeca.

As pessoas primeiro arregalam os olhos quando ouvem. Depois, corroboram o discurso. Não é um projeto só para crianças carentes de dinheiro. É um projeto feito para carentes de arte, de voz, de espaço, de representatividade. Alguns estão no palco, outros nos bastidores. Mas a maioria está mesmo é na plateia. No fim das contas, são todos operários.

Sob a lona, todo mundo fala, dá vazão aos sentimentos e inquietações. Mesmo em silêncio, à mesa, eles já estavam falando. Nos ensaios, eles falam. Nas peças, eles falam. Nas fotos, nos sorrisos e nas lágrimas, eles falam. E falam muito.

Há uma estética da emoção à flor da pele. Isso é uma marca do movimento. O choro, para eles, fala - e fala muito. Todos lá choram bastante, de alegria e de tristeza. E riem, como riem. Perdi a conta das gargalhadas ao fazer e ouvir as entrevistas com eles.

Olhando para tudo - relatos, apresentações, o dia a dia - o movimento representa, por óbvio, uma grande transformação social. Mas é, sobretudo, a transformação das mentalidades de que falo aqui. O Lona na Lua ajuda a mudar a maneira de enxergar o mundo. E isso não tem preço.

Um por todos, todos por um

“Eu nunca duvidei que fosse acontecer algo grande, muito grande, com o Lona na Lua.”

O Zeca me disse isso com tanta firmeza na mesa do restaurante que não era eu que ia duvidar. E acredito que não seria algo tão absurdo pensar nele fazendo uma participação em uma novela da Globo, por exemplo. Afinal, é um ator. No entanto, creio que ele jamais esperou sentar-se na mesma sala que um Nobel da Paz.

Foi o que aconteceu durante a semana que passou envolvido na participação no quadro *Um por todos, todos por um*, do programa Caldeirão do Huck, em abril de 2015. Zeca gravou uma participação na novela *Sete vidas* de Lícia Manzo, com a direção de Jayme Monjardim, ao lado do ator Domingos Montagner e participou de um bate papo com o bengali Muhammad Yunus, vencedor do Nobel da Paz em 2006.

Yunus é conhecido como o “banqueiro dos pobres” por ser criador de um modelo de negócio conhecido como microcrédito. Em síntese, o negócio se baseia em emprestar dinheiro aos mais pobres para impulsionar o desenvolvimento e ampliar a distribuição de renda, combatendo a desigualdade socioeconômica.

Durante a entrevista de Yunus para o programa, Zeca estava ao lado do apresentador Luciano Huck. Ouviu conselhos, emocionou-se, agradeceu a oportunidade de estar ali. Eu, da minha casa, as lágrimas escorrendo, só conseguia pensar que o meu amigo de Rio Bonito estava ali apertando a mão de um Nobel da Paz e falando sobre o seu empreendimento social. Talvez seja um pouco piegas, mas foi real.

Na saída da gravação em São Paulo, ao se despedir de Luciano para pegar o carro em direção ao aeroporto, entregou ao apresentador um presente: uma miniatura de Dom Quixote. Ele agradeceu, entrou no carro e acenou. Zeca foi embora também, era hora voltar para casa.

Havia esperado muito por aquela reforma. Tinha procurado todo mundo que conhecia e enviado cartas e e-mails. A jornada pareceria longa, parecia não ter um fim positivo. E ele continuou insistindo.

As coisas, porém, têm seus próprios caminhos e a gente às vezes acaba se sabotando. Ainda que sem querer. Com ele, era o telefone tocando insistentemente com um número de São Paulo, no começo de 2015.

“Achei que era cobrança. Todo dia me ligavam de um número de São Paulo pra falar que eu tava devendo. Quando vi as ligações, os caras ligavam sem parar, fiquei puto. Desligava direto.”

Mas não era do *call center* de nenhum banco. Era uma produtora do programa Caldeirão do Huck tentando entrar em contato. Sim, o mesmo programa que o exibira em rede nacional no Concurso Casal Malhação - 2008 agora procurava Zeca. Não, não era para ser candidato a nenhum papel. Na verdade, não procuravam só o Zeca Novais, procuravam o Zeca do Lona na Lua, que tinham conhecido por conta da participação dele no Papus, evento organizado pelo setor de Responsabilidade Social da Globo e que reuniu 40 jovens de todo o Brasil.

E, depois de muita insistência, acharam. Mas só porque mandaram uma mensagem, já que ele não ia mesmo atender o telefone. Do outro lado, a interlocutora se identificou como colaboradora da Endeavor Brasil, uma ONG que encaminhava recursos para projetos socioculturais no país. Fazia sentido: tudo o que Zeca procurava era uma empresa ou organização que o financiasse.

Já era o pessoal da produção do Caldeirão do Huck buscando personagens para um quadro do programa, o *Um por todos, todos por um*. O quadro procura empreendedores sociais e projetos socioculturais que precisam de impulso para se desenvolver.

Eles não podiam se identificar ainda. A ideia era descobrir se o projeto existia, se tudo funcionava, se tudo estava em dia e se eram pessoas confiáveis. A cada edição do quadro, o programa não só investe dinheiro em reforma, mas também chancela, para o país todo, um projeto. Portanto, há que se tomar cuidado com aproveitadores. Sobre tudo se pensarmos na força da televisão no Brasil, principalmente da Globo.

Combinaram uma visita. Zeca chamou Marcelo e os dois foram para a lona recepcioná-los. Como era época de férias escolares, a lona foi aberta exclusivamente para as duas produtoras. Mostrou o espaço, contou a história e foram almoçar.

“Não esperava nada. Almoçamos juntos, conversamos muito. As duas me pareceram simples demais, não tinham frescura nenhuma. Pessoas adoráveis e que tinham pressa. Me identifiquei.”

Como o projeto em Rio Bonito estava em recesso, levaram as duas para Silva Jardim no carro de Marcelo. Ao chegarem lá alguns minutos depois, estava acontecendo a oficina de dança.

No dia seguinte, ligaram de novo. Queriam saber sobre documentos do Lona na Lua. Achou natural, afinal, era uma ONG disposta a encaminhar recursos, deveriam procurar pelos documentos mesmo. Mandou, além dos documentos, os projetos realizados pelo Lona e outros que ainda não tinham saído do papel, mas que estavam sendo preparados. Tomou um susto com a resposta rápida: “Disseram que no dia seguinte eu receberia a visita de uma equipe da Endeavor, que faria uma entrevista técnica comigo.”

No mesmo dia em que estava marcada a tal “visita técnica”, ele tinha uma gravação de uma entrevista na TV Brasil. A visita aconteceu no final da manhã, enquanto Zeca ficava consultando o relógio, com medo de pegar um engarrafamento e não conseguir chegar a tempo do compromisso no Rio.

Na visita ao Lona na Lua, apareceu um grupo de oito pessoas. Foram recebidos por Zeca no antigo escritório do espaço, um lugar pequeno e sem muito conforto que, em um dia quente como aquele, parecia uma sauna. Só faltava a essência de eucalipto.

Perguntaram tudo. Ao mesmo tempo em que respondia às questões, alguns membros da comitiva observavam o espaço.

“Nessa visita já tinha gente da produção do programa, todo mundo medindo coisas, planejando. E eu preocupado com a gravação no Rio, desesperado.”, conta Zeca em meio a risadas.

Em meio a tudo isso, porém, ele ficou meio receoso. “A gente que trabalha com isso começa a ficar desconfiado de apoio e deixa de acreditar em ajuda. Um dia, um empresário que trabalhava com plásticos entrou no Lona e me disse que daria todo o suporte. O cara chorou, abraçou minha mãe, fez toda uma cena bonita. Não deu nem um saco de copos descartáveis. Complicado, né?”

Depois da visita da equipe, Zeca ainda teve que esperar um tempo. Nesse período, participou do Favela Criativa, evento promovido pela Secretaria Estadual de Cultura em que o Lona na Lua foi um dos contemplados. As coisas pareciam caminhar bem, mas faltava dinheiro e Zeca ficava pensando quando o pessoal da ONG apareceria com os recursos.

Um tempo depois, um novo contato para a realização de um vídeo institucional do projeto. Pensou que seria parecido com o vídeo para o Rio Sociocultural, selo recebido no começo de 2012. Quando foram selecionados entre os finalistas, também tiveram que gravar imagens e entrevistas para um pequeno clipe.

Dessa vez, não era gente prometendo trazer coisas depois. Havia uma equipe para gravar tudo. Para ele, estavam fazendo uma espécie de clipe para os possíveis financiadores. Na verdade, estavam gravando a primeira parte do que iria ao ar no programa da Globo.

Zeca preparou os participantes para uma apresentação, tudo funcionou perfeitamente. No final da gravação, pediram que ele lesse um texto para a câmera, dentro da lona. Do lado de fora, enquanto isso acontecia, o apresentador Luciano Huck aguardava dentro de uma van.

Zeca tinha mandado algumas cartas para o Caldeirão do Huck. Os redatores do programa escreveram um texto diferente no começo, mas preservaram o texto dele na parte final da carta. Quando ele chegou na parte que havia escrito, os olhos marejados, o apresentador saiu da van estacionada na parte de fora da lona, entrou na redoma estrelada e anunciou que ele havia sido ouvido, descoberto e que ia participar do quadro *Um por todos, todos por um*.

Tudo havia sido milimetricamente planejado e funcionou com toda a precisão do mundo. Zeca ouviu as palavras “eu vim” e, como bom loneiro, deixou a emoção explodir.

O programa foi ao ar no dia 23 de maio de 2015, uma tarde ensolarada de sábado. Na minha casa, comprei uma antena daquelas pequenas, de colocar sobre a televisão para conseguir assistir. Durante toda a semana que antecedeu a exibição, Zeca fez uma campanha incansável nas redes

sociais. Ele e todo mundo que conhecia um pouco da história.

Mas, ao contrário do que se pode imaginar, ele não quis festa. No sábado, sentou-se no sofá da sala de casa junto com o pai, a mãe e a irmã. E assistiram ali, celebraram ali, juntos. Juntos como em todos os momentos de sacrifício. Tudo para que aquela belíssima história fosse escrita. História que agora gente do país inteiro passaria a conhecer.

Assistiram juntos, comemoraram juntos e, claro, de novo, choraram juntos. Afinal, no Lona na Lua todo mundo chora. E mais ainda quando é de alegria.

A consolidação de um sonho

Os anos de 2014 e 2015 representaram a consolidação do projeto. Se por um lado o Lona na Lua já tinha recebido prêmios de teatro e pelo conjunto da obra em anos anteriores, a sobrevivência naqueles momentos tão duros, o início da expansão com o convênio com o município de Silva Jardim e a exposição forte nos programas da TV Globo, como o Caldeirão do Huck, fortaleceram o movimento.

Afinal, nem só de Zeca em sua jornada pelas escolas, espetáculos e oficinas rio-bonitenses abertas ao público vive o Lona na Lua. A história do movimento se espalhou pelo Brasil, seja pelas redes sociais, pela exposição na TV ou pelas participações em festivais pelo país. Um monte de gente conheceu – e conhece, a cada dia que passa – o Lona e se aproximou de alguma maneira.

“Rio Bonito é uma cidade carente de muita coisa. E o Lona na Lua preenche um espaço na vida das pessoas aqui: o Lona na Lua é o time de futebol de Rio Bonito”, diz Paulo Roberto, dono de uma locadora de filmes na cidade, um dos primeiros apoiadores do projeto.

Ele que viu como espectador e patrocinador os primeiros anos percebe as mudanças. Começaram uma parceria com uma permuta: em troca da marca estampada no material gráfico do Lona, Zeca pegava filmes na locadora. Hoje, o projeto superou as dificuldades iniciais e busca voos mais altos. “O Zeca tornou os sonhos realidade e nem ele tem a dimensão disso”, acredita Paulo, que hoje é apoiador fixo do projeto.

Assim como Paulo, muitos parceiros se aproximaram do Lona na Lua antes de o movimento ficar conhecido no país inteiro. Antes mesmo de se consolidar completamente na cidade. Desde os primeiros apoiadores, até os empresários que cederam os terrenos onde o Lona na Lua se instalou.

Em tempos de especulação imobiliária em Rio Bonito, eles abriram mão do uso de áreas em locais valorizados da cidade para apoiar o projeto. Primeiro, o popular seu Beбето, que cedeu a primeira sede na avenida Doutor Matos. Depois, os irmãos Guilherme e Flávia Machado e o empresário Gibran Mansur, que cederam ao Lona na Lua o terreno na avenida Sete de Maio, onde funciona o espaço cultural atualmente.

Entretanto, é inegável que a exposição ajudou o projeto dentro e fora da cidade. Dentro, a procura pelas oficinas e a frequência do público aumentaram muito. Fora, muita gente se interessou em conhecer e colaborar com o Lona na Lua.

Uma dessas pessoas foi Andrea Gomides, fundadora do Instituto Ekloos. O Ekloos é uma ONG que potencializa empreendimentos sociais: a ideia é colaborar com ferramentas de gestão, treinamentos, consultoria em marketing, tecnologia e projetos. Ao ver a história de Zeca e do Lona na Lua no Caldeirão do Huck, entrou em contato com a produção para oferecer a ele um curso de gestão em produção cultural.

Para ela, o Lona na Lua poderia ser maior ou menor, mas existiria de qualquer forma, com ou sem a visibilidade gerada pela aparição na televisão. “O que diferencia o Zeca de qualquer outra pessoa que pudesse estar ali é o perfil empreendedor. Ele tem esse perfil. E quando você conversa com o ele ou com a mãe dele, você vê isso no olho. Isso faz a diferença entre durar três anos e durar pra sempre.”

Andrea acredita que o projeto ainda tem muito para crescer e, nesse momento, depende de geração de renda e da formação de uma equipe bem estruturada. Ela enxerga no Lona na Lua potencial de se estabelecer como uma franquia social, replicando a metodologia do projeto pelo estado do Rio e pelo Brasil, garantindo para eles um crescimento sustentável.

Outra pessoa que descobriu o Lona na Lua pela televisão e hoje é um grande parceiro do projeto é Leonardo Mesquita. Ele é diretor de programação da InterTV Alto Litoral, afiliada da Globo na região.

Uma das atribuições da área de programação é preparar as chamadas específicas para a região dos programas da emissora. Assim, sempre que há alguma matéria ou história relacionada à região de cobertura, é feita uma chamada especial na InterTV. Por isso, Leonardo acabou

ouvindo falar do projeto por ocasião da primeira aparição no Caldeirão do Huck, em março de 2015.

“Eu acabei conhecendo o Lona na Lua antes mesmo do programa ir ao ar. Quando fui produzir a chamada, assisti algumas vezes ao programa e cada vez ia ficando mais encantado com a história. Pensei que tinha que participar de alguma maneira”, conta.

Leonardo percebeu uma oportunidade de parceria. Ligou para Zeca, marcou uma visita e foi até o espaço cultural conhecer e oferecer apoio. Desde então, as peças realizadas ali contam com chamadas veiculadas na programação da InterTV na região, o que ajuda a dar ainda mais visibilidade.

Além dos parceiros mais recentes, outros artistas defenderam nos últimos anos e continuam defendendo a importância do Lona na Lua. A diretora e preparadora de elenco Paloma Riani, que conheceu Zeca no Concurso Casal Malhação-2008, chegou a ir a Rio Bonito tentar ajudar na organização e alavancar do projeto. Quando conversamos por telefone para o livro, emocionou-se muito ao falar do projeto: “O que me encanta nisso tudo é que o projeto é um resgate do ser humano pela arte”.

Outro companheiro de luta nas artes é Andre Luiz Dias, diretor do Grupo In-Cena de Teatro, de Teófilo Otoni. Eles se conheceram em 2012, no FESTTO, Festival Nacional de Teatro de Teófilo Otoni.

“A Raphaela me mandou o material de *Quem casa, quer casa e*, pouco antes do festival, o Zeca me ligou pra pedir a substituição de uma atriz. Era justamente dela. Eu disse ao pessoal da organização que queria um festival com alma e que havia um grupo vindo cheio de dor que precisava de mais amor”, lembra Andre.

Naquele ano, o espetáculo foi um dos premiados da edição do FESTTO e os dois acabaram estreitando laços. O In-Cena foi se apresentar com seu repertório em Rio Bonito, no Espaço Cultural Lona na Lua; o Lona na Lua voltou a Minas para se apresentar com *Meu nome é João*, grande vencedor daquele ano. Além desse intercâmbio, Zeca voltou a Teófilo Otoni como palestrante e jurado do festival nos anos de 2014 e 2015.

Em 2014, a ameaça de fechamento atraiu também muita solidariedade. O que, aliás, foi decisivo para a sobrevivência do projeto. Artistas, empreendedores sociais, professores, gente de Rio Bonito e de fora, gente que se aproximou para fazer junto, buscar alternativas, caminhos.

Como dito no capítulo 13, Vinicius Daumas e Junior Perim foram duas dessas pessoas. Os dois apoiaram publicamente o Lona na Lua na época em que havia a ameaça de paralisação das atividades por falta de recursos e Zeca não esconde sua gratidão por eles: “Eu não sou uma pessoa que tem ídolos, mas se tivesse que falar de alguém, depois do Roberto Bolaños [o Chaves], admiro muito uma dupla: Junior Perim e Vinicius Daumas.”

Foi curioso ver Zeca citar o Bolaños. Não porque fosse novidade, já que ele é fã assumido do ator, de seus personagens e dos dois seriados, *Chaves* e *Chapolin*. Quem acompanha as redes sociais dele e do projeto sabe bem disso.

O curioso vem do fato de que, ao olhar para a história dele e dos loneiros e os desafios enfrentados pelo movimento, penso no momento que, em cada episódio, antecede a entrada do herói meio atrapalhado de roupa vermelha. Aquela hora em que a mocinha ou o rapaz em perigo gritam: “E agora, quem poderá nos ajudar?” No Lona na Lua, quando alguém pensa em quem poderá defendê-lo, há uma turma grande e disposta a estender a mão para dar uma força.

Epílogo

Na noite em que assisti a *Lisbela*, os produtores do Caldeirão do Huck estavam lá para filmar o resultado da reforma, contar o que houve depois. Zeca voltaria ao palco do programa na mesma semana para uma entrevista.

No programa que foi ao ar no dia 13 de fevereiro de 2016, o quadro gravado e exibido no ano anterior foi praticamente reprisado por inteiro e Zeca encontrou no palco uma de suas grandes referências artísticas, o ator e diretor Selton Mello. Mais uma vez, emoção à flor da pele.

Naquele momento, duas coisas muito importantes aconteceram. Em primeiro lugar, o reencontro dele com o palco do qual havia sido eliminado em 2007. Pisar ali era uma sensação estranha, boa e ruim ao mesmo tempo.

Mas o mais importante foi o encontro com Selton Mello. Ele se encantou com o projeto e, após o programa, ofereceu ao Lona na Lua um equipamento completo para montar um cineclubes no espaço.

“Eu nem sei dizer o que eu senti aquele dia. A Lona passava por uma de suas maiores crises, com dificuldades incríveis. Naquele início de 2012, o combinado era que assistiríamos ao filme assim que a Raphaella saísse do hospital. Ela não viu o filme com a gente, mas *O palhaço* não me deixou parar. É por isso que digo sempre que o filme mais especial que a gente do Lona viu junto foi esse. Receber isso de volta, é um negócio emocionante.”

Depois daquela visita surpresa, que rendeu reforma, participação em programa de televisão e destaque como empreendedor social, os problemas do projeto e do espaço cultural não foram completamente resolvidos. Nem poderiam ser. Afinal, o Lona e a lona são uma construção diária, cheia de obstáculos. Tudo bastante natural.

Mas a proporção que o movimento tomou é uma porta aberta ao empenho de Zeca e sua trupe de loucos, de escravos de um sonho. As oportunidades começam a aparecer e, mais do que isso, começam a ser inventadas cada dia mais pelos próprios loneiros.

Em Silva Jardim, o convênio foi mantido para 2016 e segue sendo um enorme sucesso. Mais 200 crianças puderam fazer parte do projeto e a ideia é expandir. A apresentação realizada no fim do ano de 2015 ficou abarrotada de gente, com disputa pelos convites. Como não poderia deixar de ser, as famílias atendidas pelo projeto por lá tiveram prioridade.

O Lona na Lua segue funcionando e planejando novos espetáculos e novos voos. No momento em que esse livro é finalizado, uma nova peça - ainda sem título definido - está em fase de ensaios.

O fim do livro não é, portanto, o fim da história. É, sim, um meio. Ou uma parte do meio, porque essa história ainda tem muita história para ser construída.

No terreno iluminado da avenida Sete de Maio, há uma lona estrelada, cheia de luzinhas e de poesia, que move uma revolução molecular nada silenciosa. Poderia propor aqui uma análise sociológica mais profunda, mas essa não e nem nunca foi a pretensão desse trabalho. O que guiou essa obra foi a escritura dessas histórias, dessas memórias que foram sendo construídas junto com o movimento por essas pessoas tão especiais.

No muro colorido que cerca a lona, uma dessas pessoas especiais observa tudo com um rosto sorridente. Está lá, em uma foto, o rosto de uma Sancho Pança que sorri sem nenhuma discrição, enquanto a vida segue ali com outros sorrisos.

Entre muros, há uma gente que chora e quer fazer arte em qualquer lugar. Colocando em maus lençóis o discurso fácil de que as coisas não dão certo em Rio Bonito (substitua pela cidade de sua preferência) e que o brasileiro não gosta de arte. Gosta sim e o Lona na Lua é necessário, entre outras coisas, para mostrar isso.

Ao mesmo tempo, a importância do projeto é muito difícil de ser medida, porque não se trata de encontrar os números, gráficos ou planilhas. Há que se encontrar as emoções e senti-las.

O próprio processo de elaboração dessa obra foi marcado por isso. Enquanto eu resisti a entender isso, o livro me surrava sem dó.

Até que me dei conta sobre o que tínhamos que falar. Era preciso contar as histórias do Zeca, da tia Fátima, da Raphaela, do Wilker, do Marcelo e de todos os Pedros, Raíssas, Larissas, Giulias, Taianes, Arieis. Todos os Josés e Marias que erguem o punho e gritam que a arte pulsa de verdade. Que são loneiros.

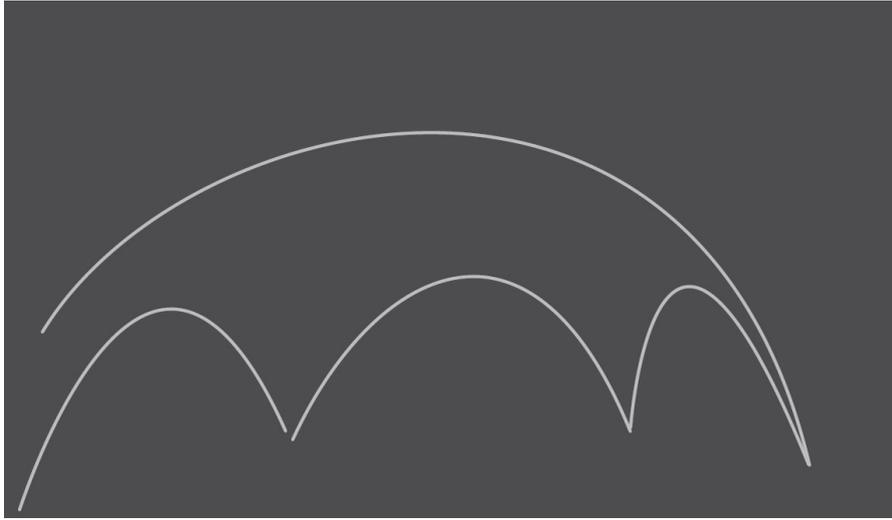
Naquela conversa à mesa nos jardins do espaço cultural, perguntei à Raíssa, iluminadora do Lona na Lua, o que ela queria fazer da vida quando acabasse o Ensino Médio. “Vou fazer psicologia. Mas eu quero mesmo é ser iluminadora”. Raíssa é uma menina que vive em uma região pobre de Rio Bonito, uma cidade pequena, no interior do estado. Ela estava dizendo para mim, olhos brilhando, que queria ser artista, que queria ser iluminadora cênica.

Eu torço por ela, mas não sei se ela vai se tornar uma iluminadora profissional. Nem ela sabe. O importante aqui é que ela pôde, um dia, sonhar com isso. E para isso não há régua.

Quando uma menina - ou menino - nas mesmas condições pode sonhar em ser o que quiser, todos os esforços valeram. Não há mais o que explicar, porque não é preciso e talvez nem haja as palavras precisas. É como a ausência delas para dar conta da excitação de uma criança correndo com o saco de pipocas na mão porque a peça vai começar, dos meninos e meninas recebendo os aplausos no final da peça, da tia Fátima feliz com a casa cheia, do jovem adulto que se emociona sempre que fala do que construiu.

Portanto, se achar que não deu para entender exatamente, não se preocupe. Feche os olhos, pense em um varal estrelado, uma lona armada, o vozerio se espalhando, o cheiro de pipoca, muita gente feliz e veja como se sente. Afinal, avisei no começo, isso aqui é só um conjunto de palavras insistindo em tentar explicar o que foi feito para sentir.

FIM



Fotos



Instalação da primeira lona, na primeira sede, no bairro da Mangueirinha.



Antiga fachada do Espaço Cultural Lona na Lua no atual endereço na avenida Sete de Maio, s/n.



Frente do Lona na Lua após a reforma.



Interior do espaço cultural após a reforma.



Palco e plateia após a reforma.



Gravação de um ensaio com os participantes do projeto para a TV.



Encontro com executivos de um banco no Lona na Lua.



Zeca e a família: tia Fátima, seu José (sentados) e Larissa, a irmã.



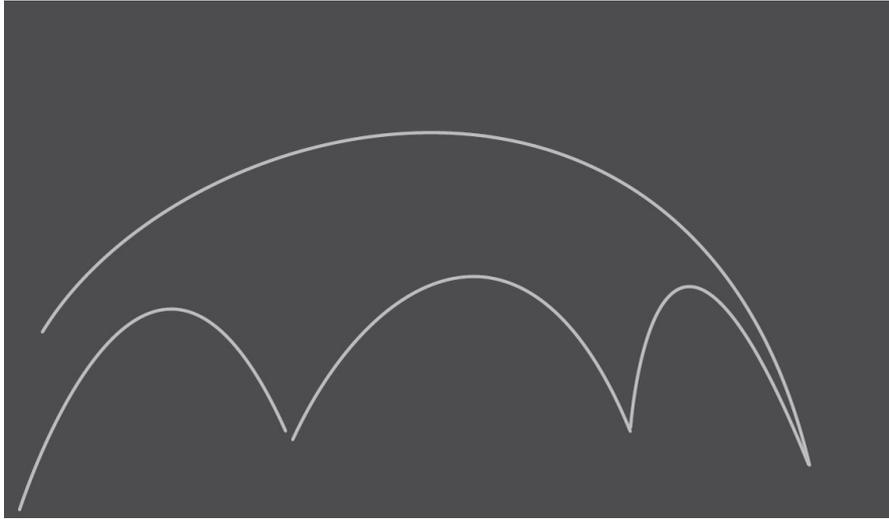
Raphaela Dias, a Sancho Pança, em cena em Quem casa, quer casa, como dona Biana.



Desfile cívico realizado na semana da morte de Raphaela Dias: os loneiros e loneiras prestam homenagem.



Crianças dos colégios da cidade visitando o Lona na Lua.



Créditos

Deram depoimentos para esse livro (em ordem alfabética):

André Luiz Dias

Andrea Gomides

Angela Guimarães

Ariel Perrone

Caio Rodrigues

Djalma Thürler

Fátima Novais

Flávio Azevedo

Gerson Rodrigues

Giulia Cerqueira

Guilherme Mergen

José Carlos Novais

Junior Perim

Leandra Martins

Leonardo Martins

Luciano Lúcio

Luiz Gustavo Martins

Manuela Viana

Marcelo Cardozo

Maria Dalva

Paloma Riani

Paulo Roberto Júnior

Pedro Trindade

Raíssa Trindade

Renata Egger

Taiane D'Ornellas

Teresa Marins

Thiago Costa

Wilker Beckery

Zeca Novais

O autor

Rafael Cal nasceu em Rio Bonito, em 1985. É professor, dramaturgo e artista da Interferência Teatral.

Tem textos publicados em sites e revistas de literatura e foi colaborador do projeto Blogs do Além. No teatro, escreveu mais de dez peças, entre elas *Vende-se uma geladeira azul*, selecionada para publicação e montagem na primeira edição do Núcleo de Dramaturgia Sesi Cultural (RJ).

Mora no Rio de Janeiro, mas seu cordão umbilical está enterrado em Rio Bonito, o que faz com que carregue sua aldeia no coração para sempre.

Esse projeto faz parte do programa



Realização



SECRETARIA DE CULTURA

Parceria



Patrocínio



SECRETARIA DE CULTURA

SE MINISTÉRIO DE INCENTIVO À CULTURA



PROGRAMA DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA



Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural

Ministério da Cultura



Financiamento



SECRETARIA DE ESPORTE, LAZER E JUVENTUDE



Parceiros institucionais



SECRETARIA DE SEGURANÇA



Produção

